

O AUTÔMATO

EDIÇÃO 04



AS VÁRIAS
FASES DA MORTE



STEAMPUNK

STEAMPUNK



Copyright © 2024

Todos os direitos reservados.



Edição e Diagramação: Allan F. F. Gouvea

Leitura crítica e preparação de originais: Glenda Barros e Marieddie

Revisão: Allan F. F. Gouvea

Capa: Allan F. F. Gouvea

Ilustrações internas: Allan F. F. Gouvea e Cássia Amalice

Autores:

Biana Vendramini, Carol Soares, Edson Amaro de Souza, Flávia Sanchez, Ílio Desnos, Lisandro Silva, Natália Schimpf, Rafael Caputo, Ricardo França Gusmão, Thays Diniz

SUMÁRIO

Editorial	05
Doze Andares – Rafael Caputo	06
Sob o Olhar de Deus – Flávia Sanchez	11
O Mistério das orelhas decepadas da rua Mariano da Fonseca Telles de Casto – Ricardo França de Gusmão	17
A Boneca e sua Menina – Carol Soares	23
Relato – Natália Schimpf	29
Índigo – Lisandro Silva	35
Um vislumbre de eternidade (Ira) – Ílio Desnos	40
Gerais – Thays Diniz	46
Uma herança de ouro – Biana Vendramini	51
Coluna Social – Edson Amaro de Souza	55

EDITORIAL

Prezados leitores e admiradores da arte literária, é com felicidade que apresentamos a quarta edição da revista O Autômato. Após o lançamento da última edição, decidimos lançar um edital para os interessados em participar conosco dessa jornada. Almejando atrair autores talentosos, não fizemos restrição de temática quanto às histórias que receberíamos. No entanto, após os envios e posterior seleção dos textos, percebemos que os contos possuíam em comum um elemento peculiar: abordavam a morte como tema central.

Algumas histórias exploram o sombrio e o sobrenatural, como autênticos contos de terror, enquanto outras exploram outras camadas da finitude da vida, propiciando diferentes significados para este evento intrínseco à existência humana. Portanto, com o intuito de conectar todas as histórias em uma identidade para a edição, decidimos nomear esta como "As Várias Faces da Morte".

Apesar de, a princípio, a morte ser um tema sombrio, sempre foi também uma fonte de inspiração para a criatividade humana. Através da escrita diversos autores ao longo da história discorreram sobre ela, cada um atribuindo significados de acordo com sua visão de mundo. Nesta edição de nossa revista não será diferente. Os autores deste volume narram eventos sobre não apenas o fim da vida, mas também relatos que vão desde o luto e a perda à aceitação e até mesmo a celebração da vida.

Em outras palavras, os contos aqui reunidos oferecem uma breve reflexão sobre o ciclo inexorável que todos compartilhamos. Esperamos que desfrutem desta jornada literária e que encontrem em suas páginas uma nova apreciação pela vida, mesmo em face da inevitabilidade da morte.

Atenciosamente,

Equipe O Autômato

Doze Andares

Por Rafael Caputo

Com as janelas escancaradas, eu apreciava o crepúsculo até que sua chegada, involuntariamente, interrompeu meu deleite. Eu já o conhecia. Sua presunção me dava nojo. Apesar da idade avançada, ele era tão nojento quanto a escória da sociedade atual, exceto pela sua aversão a futilidades. Suspeito que, assim como eu, ele também desfrutava de sessenta anos bem vividos. Ainda assim, desprezava-o por vários motivos. Era um baita de um bisbilhoteiro, o pior deles. Culpa de seu ofício, eu sei! Não sou burra. Um investigador deve investigar, é assim que funciona.

O laudo final sobre a tragédia não o havia convencido. Teimoso e persistente, ainda suspeitava de um incêndio criminoso. Os noticiários da época encheram manchetes com a atrocidade: “Quarenta e quatro pessoas morrem em prédio histórico da cidade após incêndio”. A maioria dos programas de televisão, deveras sensacionalistas, exibiram por meses a tentativa frustrada de muitos moradores de se salvarem. Quem não morreu queimado, deixou os miolos na calçada ao se atirarem pela janela. Algumas das imagens foram transmitidas ao vivo. Hoje, qualquer um pode compartilhar os vídeos. O inquilino do último andar, por exemplo, teve a ideia “brilhante” de se proteger dentro da caixa d’água e cozinhou até a morte. De todos, ele era o pior. No fim, teve o que mereceu. Todos tiveram. Para minha infelicidade, o resto da sociedade não pensava assim. O prefeito decretou luto oficial por três dias e todos se compadeceram das vítimas, como se merecessem tal compaixão. Um bando de ladrões, promíscuos e viciados.

Os peritos da polícia científica (se é que podemos lhes conceder tão nobre título) concluíram que uma faísca proveniente do interruptor da garagem deu início ao inferno, posteriormente potencializado por um desastroso vazamento de gás. Essa foi mesmo a ideia. Entretanto, havia um fato curioso: nenhum dos

habitantes conseguiu sair, nem pela porta da frente e muito menos pelas saídas de emergência. Segundo nosso exxerido investigador, isso era algo que não fazia o menor sentido. Por instinto ou não, concluiu que alguém tinha cometido aquele assassinato em massa. Uma verdadeira chacina, como ele costumava se referir.

Por isso, estava ali, vivia um dos moradores desde então. Um ano depois do ocorrido, alugou um dos apartamentos ainda vagos. Usou um desses aplicativos de hospedagem e depois de poucos cliques já estava desfazendo as malas. Escolheu o nono andar, justamente o meu preferido. Quem ele pensa que é? Aquilo só poderia ser uma tremenda afronta, sem dúvidas.

Se ele fosse tão incompetente quanto os colegas da perícia, estaria a salvo; mas a comichão da curiosidade o molestava. Tive de ser criativa.

Na primeira vez, comecei de leve. Acionei os *sprinklers* do estacionamento enquanto ele terminava de encerar o carro, uma simples provocação para testar sua paciência. Precisava conhecer melhor o meu adversário. A relação entre pessoas e automóveis sempre me foi muito interessante. Poucos objetos seduzem tanto os homens quanto os carros. Compreendi isso há algum tempo. Assisti-lo escorregar enquanto tentava fechar desesperadamente as portas do veículo foi hilário. Um joelho ralado foi a única sequela dessa traquinagem. Pelo menos, dessa vez. Em contrapartida, descobri que ele possuía um bom repertório de xingamentos.

Em minha segunda tentativa, fui mais ousada. Parei o elevador entre o quinto e o quarto andar. O maldito ficou preso por lá durante toda a manhã. No fim, os técnicos da empresa de manutenção vieram e resgataram-no. Ele ficou ainda mais possesso quando soube que o sistema estava funcionando normalmente. Os profissionais não souberam dar explicações sobre o acontecido. Desse dia em diante, passou a subir e a descer pelas escadas. Para um velho, seu condicionamento físico era invejável, admito.

Na terceira ocasião, um curto circuito proposital queimou todos os seus aparatos eletroeletrônicos. Inclusive, o celular e o computador que estavam na tomada no momento do suposto acidente. Prefiro chamar de atentado. Terrorista, eu? Talvez! Ainda assim, tal feito não o impediu de continuar bisbilhotando os andares, corredores e áreas comuns. Definitivamente, um adversário à altura.

Depois disso, perdi as contas. Não poupei esforços para expurgá-lo: desmagnetizei sua *tag* de acesso, cortei a energia, danifiquei o interfone, forcei vazamentos, entupi os canos do banheiro, estraguei a descarga, boicotei o ar condicionado. Fiz de tudo para incomodá-lo, levá-lo ao limite.

Cabeça-dura, o velho não se abalava. Para piorar a situação, passou a desconfiar que realmente não era bem-vindo. Mesmo com todos os percalços, manteve-se pensativo e reflexivo. Trancado no noventa e um, lá permaneceu por dias a fio, imersos em seus próprios pensamentos. Por vezes, parecia fazer contas. Em outros momentos, a leitura consumia todas as horas de seu dia. Para minha surpresa, o danadinho realizou pesquisas no cartório da região, acessando o Registro Geral de Imóveis, e concluiu sua teoria pra lá de absurda, porém, muito procedente. O desgraçado era realmente bastante perspicaz.

Em uma noite fria, ouvi o velhote gritar o meu nome por um dos corredores.

– Tiffany! – berrou o sujeito. – Eu sei que pode me ouvir! – completou.

Apesar do sotaque engraçado, o tom da sua voz me assombrava. Por prudência, optei pelo silêncio. Insatisfeito, o sujeito continuou a me desafiar.

– Revele-se a mim! – insistiu.

Pude sentir o odor de álcool que exalava de sua boca podre. Uísque barato, pensei. Tive vontade de usar novamente os *sprinklers*, mas hesitei. Era exatamente o que ele queria.

– Eu sei de tudo. Você! Você é a culpada.

Suas provocações continuaram por um bom tempo. Não demorou para que o vasto repertório viesse à tona. Fui xingada de vários nomes. Alguns inquilinos entreabriram as portas para tentar entender o que estava acontecendo. “Que maluco!”, devem ter pensado. Entre um gole e outro da bebida, o velho não economizava insultos. Eram muitos: assassina, embusteira, ardilosa, hipócrita, entre outros. Em algumas ocasiões, senti-me lisonjeada. Em outras, nem tanto. Inevitavelmente, todo esse episódio me deixou com uma grande azia. Quis vomitar, essa é a verdade.

Quando o velho se deu por vencido, decidiu voltar ao apartamento. Anestesiado pelas doses generosas de Bourbon, esqueceu da promessa de só usar as escadas e acionou o elevador. Essa foi a minha chance. Aproveitei sua condição de ébrio e abri as portas do equipamento antes do tempo. O sujeito entrou sem nem pestanejar. A queda foi brutal. Quebrou o joelho direito, os tornozelos, a tíbia da perna esquerda, clavícula direita, ombro direito, rosto, cavidade ocular e mandíbula. Além disso, seu pulmão entrou em colapso e uma das costelas perfurou o fígado. Ainda assim, o infeliz ficou vivo, gemendo e contorcendo-se. Novamente, vi-me intrigada com a tremenda capacidade de sobrevivência do ser humano. Acho que nunca irei me acostumar com tal façanha. Levei alguns segundos para decidir se acompanhava sua agonia até o fim ou se concedia a ele a dádiva da misericórdia. Escolhi a segunda opção. Dá para acreditar que me criticam por não ter sentimentos? Desse modo, forcei uma pane elétrica no sistema de frenagem do elevador, despencando vertiginosamente do décimo primeiro andar em cima do pobre oficial, que passaria de investigador a investigado. Descobri, pouco tempo depois, que em seu laudo trocaram “embriaguez” por “imprudência”, sendo a *causa mortis*: politraumatismo contuso. Achei o termo engraçado.

Toda essa história surreal aconteceu quase um ano e meio depois do belo incêndio que causei. O velho estava certo o tempo todo. Em minha defesa, fiz o que fiz por puro instinto de preservação, aqueles moradores eram um verdadeiro lixo, a pior raça da humanidade. Na década de sessenta, eu vivia o

estrelato. Depois disso, foi só decadência. Abandonada, tive que suportar inúmeras humilhações. Durante décadas, fui totalmente abusada. Literalmente, invadida e violentada inúmeras vezes. Obrigada a conviver com homicídios, prostituição, tráfico de drogas, abuso de incapazes, milícias e tantas outras barbáries. Como eu disse: eles tiveram o que mereceram. Uma limpeza necessária, isso sim! Minha sorte mudou, justamente, depois da tragédia. Um grande executivo do ramo imobiliário se interessou por mim. Foi paixão à primeira vista, disse ele. Passei por uma reforma sem precedentes, pioneira no país. Em poucos meses, ganhei instalações futuristas e um belo sistema automatizado de elétrica, hidráulica, calefação e segurança, com trancas eletrônicas e câmeras de vigilância vinte e quatro horas. Tudo em uma única central comandada por inteligência artificial bem parecida com a dos humanos, ou seja, totalmente influenciável. Além de um gerador próprio, cem por cento autônomo. Assim, renasci. Definitivamente, o real significado da palavra *upgrade*. Agora que estou conectada, venho aprendendo tanta coisa. Ninguém me segura! Os tempos áureos enfim voltaram, nunca me senti tão valorizada e empoderada. A placa na entrada exibe o otimismo: Bem-vindo ao Edifício Tiffany!

Rafael Caputo é professor de Letras, pedagogo e psicopedagogo. Seu romance de estreia "Larissa Start" foi finalista da quarta edição do Prêmio Kindle de Literatura, em 2019. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira (AILB) e ex-colunista da Revista Conexão Literatura. Considera-se um escritor em início de carreira, que alimenta uma contida paixão pelo universo literário com a esperança de, um dia, ainda viver pura e simplesmente desse amor.

Linkree: <https://linktr.ee/rafaelcaputo>

Sob o Olhar de Deus

Por Flávia Sanchez

Já era a terceira noite que Jussara iria para a cama com a barriga vazia. Sua geladeira estava modestamente abastecida, mas ela sabia que, se usasse seus escassos recursos para se alimentar naquela noite, talvez ficasse sem almoço no dia seguinte. Tinha ouvido com frequência, em seus vinte e dois anos de vida, a piada sobre pobres precisarem vender o almoço para comprar a janta, e agora, passando por situação semelhante, concluiu ser este ato um erro absurdo. Era muito melhor tomar só um chá quente para dormir do que passar o dia com o estômago roncando de fome.

— Poderia ser pior — ela falou sozinha, olhando para a geladeira com a porta aberta. — Sim, podia ser muito pior.

No começo, quando passou a morar sozinha, houve tempos em que sua geladeira parecia o mar, tendo apenas água e sal. Esse era o pensamento dela, porém não deveria ter brotado em sua mente genial. Jussara tinha quase certeza ter visto essa frase em algum almanaque de piadas de uma banca de jornal qualquer, ou quem sabe tivesse sido alguma coisa que ela leu quando mais nova. De qualquer forma, não importava. O relevante era que, ao fechar a porta do eletrodoméstico, estava se rendendo a mais uma noite em que dormiria sem estar nutrida de forma adequada.

Infelizmente, esse não foi um evento a acontecer de imediato.

Após fechar a porta da geladeira (não muito depois de abrir, afinal não podia se dar ao luxo de deixar a conta de energia vir tão alta), ela não foi para a cama, em vez disso, puxou uma cadeira e se sentou, colocando os cotovelos sobre a mesa e enterrando o rosto nas mãos.

— Merda, merda, merda — ela repetiu, tentando xingar não sabia o quê. — Porra! Pai, mãe, era isso que vocês queriam?

A vida de Jussara não estava sendo fácil desde que tinha sido expulsa de casa aos dezoito anos, tudo só porque cometera o imperdoável crime de prestar vestibular para pedagogia em vez de medicina, como toda a família vinha fazendo há cinco gerações. De qualquer modo, ela não seria nem médica e nem pedagoga; morando sozinha e de aluguel não conseguiu arcar com os custos de porcaria nenhuma de curso, mesmo tendo sido aprovada em uma faculdade pública. O trampo de faxineira que ela conseguiu descolar em uma agência indicada por colegas da faculdade mal dava para se alimentar, quanto mais bancar estudos. E mal dava para se alimentar mesmo, porque se desse para se alimentar bem ela não precisaria sacrificar o jantar para ter almoço no dia seguinte.

Jussara ficou ali, com os braços dispostos de forma muito mal educada sobre a mesa e o rosto afundado em suas mãos (essa era a sua posição fetal). Ela devia ter ido para o quarto, suportar a fome em um colchão nem tão macio – a maldita mola tinha quebrado –, mas continuou na cozinha, onde acabou por adormecer.

Pela manhã acordou com a cara amassada e o lado direito da bochecha latejando por ter dormido com ela sobre a mesa de madeira. Ainda sonolenta, mas sentindo o pulsar na pele do rosto, pela primeira vez ela achou bom não ter dinheiro para uma mesa de granito ou qualquer material melhor que a madeira, pois sua cara estaria em pior estado depois de uma noite como aquela.

Deu alguns tapas em si mesma para despertar um pouco mais e depois se levantou, sentindo a familiar vertigem de quem passa horas com a cabeça em uma posição indevida. Conforme sua vista aos poucos parava de girar, ela visualizou a parede não rebocada à sua frente. Acima do fogão estava um quadro pendurado por um prego, a última lembrança da casa de seus pais, que ela levou quando foi enxotada, apenas por ter sido um presente de sua falecida avó. Jussara olhou para ele com uma mistura de súplica e raiva.

– Deus! – disse para o quadro.

Ela se afastou da cadeira que ocupara a noite toda e deu a volta ao redor da mesa, parando em frente ao fogão, contudo, olhando para a parte de cima da parede atrás dele, contemplando o presente de sua avó.

– Deus! – ela repetiu para o quadro. – Me tire esse inferno! Você não tem poder para isso?

Desde criança Jussara havia sido ensinada que Deus tinha o poder para tudo e que nada no mundo acontecia se não fosse pela vontade Dele. Aprendera também a sempre rezar um pai nosso, uma ave maria e uma prece ao anjo da guarda toda vez antes de dormir, suplicando por uma boa noite de sono, e que deveria ir à missa pelo menos aos domingos e agradecer pelo divino presente de estar viva. Entretanto, estas eram lições que ela não vinha seguindo muito à risca nos últimos anos e até se perguntava se não seria esse o motivo de sua vida estar de pernas para o ar.

Ela continuou olhando para o quadro, esperando por uma resposta, mesmo sabendo que não receberia nenhuma, e o ato a fez se sentir tola. Que tipo de pessoa imbecil conversava com um quadro, e ainda por cima aguardava ter suas perguntas respondidas? O homem pintado à sua frente permaneceu de boca fechada, o que já era esperado por Jussara, mesmo assim ela não evitou sentir uma pontada de decepção.

– Você não sabia de nada, vovó – ela resmungou.

Durante o banho, Jussara pegou o sabão grosso de cozinha e o esfregou com força em cada canto de sua pele queimada pelo sol, como se pudesse limpar a pobreza do seu corpo. Depois de vestida, tomou seu café e comeu um pão duro comprado dois dias antes, sem nem ao menos poder esquentá-lo, porque não tinha micro-ondas e o gás estava caro demais para ser desperdiçado daquele jeito.

Ao estar enfim de barriga cheia, a pobre e desafortunada faxineira desbloqueou o celular e checkou a agenda do dia. Tinha uma limpeza de cinco

horas na casa de uma madame e ainda precisaria dar banho no São Bernardo dela, mas pelo menos receberia um bônus a mais pela atividade extra, muito embora só desse para pagar as passagens de ônibus da próxima semana.

Pela tarde, faxinaria o banheiro de uma oficina mecânica, pois os funcionários eram machos demais para fazer essa atividade. Em seguida, iria para um restaurante noturno onde limparia as privadas entupidas no dia anterior, para o ambiente ficar em perfeito estado para mais uma noite. E no fim da tarde, terminaria o dia higienizando a casa de uma senhora que morava sozinha e era caquética demais para o serviço.

Todo o esforço, claro, não lhe daria cem por cento de retorno pelo trabalho realizado. Na verdade, Jussara receberia somente sessenta por cento, e os outros quarenta iriam para a firma. Ela achava injusto, óbvio, porque era ela quem fazia o trabalho literalmente sujo, mas sem a firma nem sequer teria onde trabalhar, e em vez de dormir sem jantar, passaria o dia sem pôr um bago de feijão na boca.

Para completar, o dia seria tão cheio que ela precisaria comer fora. Isso até lhe daria a oportunidade de guardar na geladeira a comida do almoço e consumi-la no jantar. O lado ruim era que, almoçando fora, ficaria com ainda menos cédulas no bolso.

— Porra, Jesus! — ela reclamou uma última vez para o quadro antes de sair de casa.

Como era esperado, Jussara precisou lutar contra o vômito várias vezes ao longo do dia, principalmente pela tarde após comer em um restaurante vagabundo que oferecia PF a dez reais. Durante a faxina na oficina mecânica ela quase colocou o almoço para fora, xingando mentalmente os homens que trabalhavam no lugar por terem tanta “porquice”.

No final do dia, ao voltar para casa, Jussara precisou pegar rotas alternativas após perceber a movimentação de muitos malandros nos arredores de sua quadra. Ela estava sempre atenta ao retornar, evitando ser

descuidada para não cair nas mãos dos “descuidistas”. Ao menos, pela primeira vez em quatro noites, ela jantou.

– Poderia ser pior – ela repetiu a conclusão da noite passada, falando de boca cheia.

Jussara mastigava um pedaço de bife mau passado, porque estava cansada demais para ter a disposição necessária para fritar aquela droga de comida do jeito certo. Cada mordida era como se ela estivesse brigando contra o mundo inteiro. Odiava seus pais por terem a posto para fora, odiava a faculdade por não ter lhe dado uma bolsa permanência quando pediu, odiava a firma de faxina por rouba quarenta por cento do seu pagamento e, acima de tudo, odiava ela própria por não conseguir encontrar uma solução para seus infortúnios. Além do mais, também guardava um pouco de ódio para o homem desenhado no quadro herdado de sua avó, por não a tirar magicamente daquela situação.

Terminando o jantar, ela não se deu ao trabalho de lavar a louça, a deixaria mofando na pia até criar penicilina. Igualmente não se importou em escovar os dentes, e se pôs mais uma vez em frente ao quadro pendurado na parede.

– Meu Deus – ela murmurou.

Dessa vez, Jussara não resmungava, ao contrário, sua voz estava quase em soluços. Havia súplica em suas palavras e ela podia sentir seus olhos ardendo, e certamente brilhando, ao olhar para o homem de cabelos longos e mãos furadas.

– Deus, por favor – ela pediu. – Por favor, por favor, me tire desse inferno.

A infeliz não esperava mais que os lábios da pintura se mexessem, dizendo palavras reconfortantes, no entanto, esperou por algum sinal, de repente um relâmpago, uma rajada forte de vento entrando pela janela ou até mesmo a luz da lâmpada piscando. Nada disso, e nem qualquer outra coisa, aconteceu. A resposta recebida foi um silêncio sepulcral.

As lágrimas despencaram dos olhos de Jussara, diante da inércia do quadro. Ela sentiu o gosto de sal quando o líquido chegou aos seus lábios e o sabor foi menos desagradável do que o esmagamento sentido no peito. Derrotada, a suplicante foi para o quarto, decidindo que dessa vez dormiria na cama, apesar de não querer acordar pela manhã.

Infelizmente ela acordou, e fez o mesmo ritual de se banhar com sabão grosso e tomar café com pão dormido. A diferença foi que, em nenhum momento, parou em frente ao quadro. Não por estar ressentida com o homem nele pintado, embora estivesse, mas por sentir demasiado esgotamento para gastar energia com qualquer coisa além do necessário.

Na verdade, Jussara estava tão esgotada, de corpo e mente, que foi descuidada ao sair de casa, e não notou que, logo de manhã, haviam vários descuidistas trocando balas com os milicos. Caminhou pelo meio-fio da sua alameda, completamente alheia ao faroeste que se desenrolava, e quando percebeu, foi tarde demais. Primeiro, ela viu um projétil fazer um percurso em direção ao seu rosto, depois viu a escuridão absoluta.

Flávia Sanchez, natural de Bragança/PA, é psicóloga e professora de Educação Física. Durante seus estudos universitários, em ambas as áreas, atuou como revisora ortográfica de artigos e trabalhos acadêmicos. Também já se dedicou a diversos trabalhos voluntários em sua cidade natal, contribuindo para o bem-estar da comunidade. No mundo da escrita, encontrou sua voz como autora independente, publicando suas obras em plataformas literárias.

SpiritFiction: [Flavia_100](#)

O Mistério das orelhas decepadas da rua Mariano da Fonseca Telles de Castro

Por Ricardo França de Gusmão

Os pacotes chegaram de manhã nas casas da pacata Rua Mariano da Fonseca Telles de Castro, sem remetente. Todos foram deixados sobre os muros na calçada à direita, cujas residências eram identificadas por números pares. Havia somente, em cada um deles, em uma de suas faces externas, desenhos de orelhas, feitos a lápis.

A dona de casa Sebastiana Cláusula, de 81 anos, a mais antiga moradora do local, foi a primeira a perceber o embrulho quadrado sobre o muro, e o levou para dentro de casa. Com cuidado, o levou para a mesa da cozinha, e cortou o barbante que amarrava a caixa. Dentro, havia um pote, úmido e gelado. Sim. Continha gelo. Ela destampou o pote e seu berro despertou toda a vizinhança.

Havia uma orelha humana, cortada, aparentemente, por uma faca, dentro do pote. Mais nada. Aterrorizada, dona Sebastiana repetia sucessivos ecos dos seus gritos. Logo moradores de outras casas também passaram a gritar. Eles haviam aberto os embrulhos deixados em seus muros.

Do outro lado da rua, nas casas de números ímpares, gritos também eram ouvidos. Estes, porém, eram de dor e de horror. O proprietário ou inquilino de cada residência, havia acordado sem uma orelha, em meio a uma poça de sangue sobre suas camas. Os feridos foram à rua, e os presenteados com o mórbido pedaço de carne humana, também. Num primeiro momento eles se acusaram de mutilação, lesão corporal, e apontavam suspeitos entre si. Entre eles um estudante de medicina, recém mudado para o local.

Passado o momento de acusações, passaram então a tentar encontrar suas orelhas nos potes dos embrulhos deixados nas casas do lado direito da rua. Foi necessário muito gelo para conservar as 'ouvidoras'. Na cena, passado mais um tempo, a polícia, ambulâncias e repórteres se fizeram presentes. "Quem faria uma atrocidade dessas? É claro que não pode ter sido uma pessoa

só”, refletia um investigador. Nenhuma imagem fora registrada pelas câmeras de segurança. Cães não latiram. Casas não foram arrombadas.

No hospital da pequena cidade, para onde muitos dos feridos foram, enfermeiros e médicos ficaram aterrorizados frente ao inusitado, e colocaram os potes com orelhas na câmara frigorífica da unidade hospitalar. Havia a necessidade de verificar qual orelha era a de quem. A enfermagem, lotada, ganhou as preces de um padre. Seria um aviso? Ou seria possível que fosse ação de um ou mais psicopatas bem ali em sua pequena cidade?

As primeiras conclusões foram anotadas pelos médicos e policiais ao perceberem os mesmos padrões de cortes. Uma questão, no entanto, logo surgiu: como as vítimas não despertaram? Os exames não constataram nenhum sonífero ou anestesia nos moradores. Rapidamente, o caso de mistério das orelhas decepadas dos moradores da Rua Mariano da Fonseca Telles de Castro ganhou o noticiário internacional. A cidade ficou pequena com a chegada de tantos jornalistas, fotógrafos, cinegrafistas, e especialistas nesse tipo de investigação.

Algumas orelhas foram reimplantadas. Porém, parte delas são trocadas de pessoas. E uma passou a ouvir a vida do outro com maior nitidez. E o problema passou a ser uma questão de estética. Mas não houve nenhuma rejeição. Outras orelhas, contudo, entraram em colapso sem sangue e oxigênio, e tudo tornou-se inaudível para elas. Restou sepultamento em cova coletiva no cemitério municipal.

A imprensa, as famílias das vítimas, o prefeito, os vereadores e os repórteres queriam uma resposta da polícia o quanto antes. A Rua Mariano da Fonseca Telles de Castro foi interditada, de um lado, e de outro. Todos os moradores foram intimados e interrogados pelo delegado da comarca. Todos se conheciam. Cidade pequena. O que haveria de ‘diferente’? Algum ‘fato’ novo? Era tudo improvável. Inacreditável e inverossímil.

Até que um historiador — o Senhor Barbosa — apareceu na cidade. Sua primeira pergunta aos habitantes locais foi sobre quando a rua havia sido

inaugurada. “Recentemente”, disseram. Ele foi, então, por um caminho controverso. Havia nele uma estranha intuição sobrenatural. Foi ao Arquivo Municipal pesquisar sobre quem fora Mariano.

– O Senhor veio atrapalhar minhas investigações? – interpelou o delegado Floriano da Baianada, muito respeitado pela corporação.

– Não, muito pelo contrário, doutor delegado. Vim na intenção de ajudar. E, para isso, estou começando a fazer uma investigação da história... – respondeu o Senhor Barbosa.

– Pois então o faça em silêncio. Nada de criar sensacionalismo junto à mídia e aos habitantes deste município – retrucou o delegado Floriano da Baianada.

– Fique tranquilo doutor. Fique tranquilo. – Assegurou o historiador, pós-graduado em ciências ocultas.

Dia seguinte, o Senhor Barbosa arrumou seu caderno de anotações, sua mochila de couro à tira-colo e seguiu, finalmente, para o Arquivo Municipal. Lá, no balcão, assinou uma ficha de identificação e registro de consulta, e então pediu à atendente acesso a todas as informações sobre Mariano da Fonseca Telles de Castro.

Foram cerca de três volumes de registros, onde constavam data de nascimento, certidão de óbito, vida acadêmica e profissional em recortes de jornais do século passado... Mariano da Fonseca Telles de Castro foi um professor de artes do colégio municipal considerado muito competente, inteligente, porém, taciturno e um pintor reconhecido. Porém, nunca casou-se, construiu família, e, apesar do talento para a pintura de quadros a óleo, não obteve retorno financeiro. Até morrer no esquecimento.

Senhor Barbosa descobriu que ele morara na rua da tragédia das orelhas. E morreu solitário. Sua última pintura, foi um retrato do famoso pintor holandês pós-impressionista, Vincent Willem van Gogh (30 de março de 1853 – 29 de julho de 1890) – que pintou mais de dois mil quadros em vida – de quem era

admirador. O quadro foi retirado da mansão de Mariano da Fonseca Telles de Castro e recolocado no saguão do cemitério da pequena cidade.

Imediatamente, o Senhor Barbosa dirigiu-se ao cemitério. E o quadro estava lá, em destaque na parede. O espanto, então, tomou conta da expressão do teimoso investigador. No retrato, Vincent Willem van Gogh não tinha uma de suas orelhas – que ele mesmo cortara em vida, num acesso de crise de bipolaridade – descoberta após a sua morte prematura. O historiador pegou, então, o seu telefone celular e buscou a data do fato através de uma Inteligência Artificial. Ela era a mesma da madrugada das orelhas decepadas na Rua Mariano da Fonseca Telles de Castro. “Mas por quê? Qual a ligação disso tudo além das coincidências dessas histórias?” Pensava...

E decidiu entrar no cemitério para localizar o mausoléu em que fora sepultado o corpo de Mariano. Ao encontrar... Outra descoberta aterrorizante. Não havia restos mortais. O insistente historiador tinha, agora, elementos – nada naturais – para apresentar ao delegado Floriano da Baianada.

– Doutor, boa tarde. Como vai? Preciso falar com o senhor sobre alguns fatos estranhos, mas que abrem uma linha de investigação sobre o caso das orelhas. Pois há conexões!

– Pois sente-se, professor. E fale. Antes para mim do que para essa mídia sensacionalista.

– Bom... Foi assim...

– Senhor Barbosa! O Senhor está querendo dizer que cerca de 40 orelhas foram decepadas de moradores por uma assombração? Se eu apresentar essa tese na Chefia de Polícia irão rir da minha cara!

– Doutor, então eu lhe pergunto: durante as investigações e as revistas nas residências desta rua, o senhor e a sua equipe encontraram algum elo que estabelecesse uma conexão com o Mariano da Fonseca Telles de Castro e o Vincent Willem van Gogh? Algo como este retrato pintado por ele com a imagem de seu ídolo sem orelha? – Retrucou o professor de história, que havia feito uma fotografia do quadro de Mariano dentro do cemitério municipal. O

rosto do delegado muito respeitado embranqueceu-se na hora. E ele confirmou, hesitante...

— Sim... Sim, professor. Eu estou confuso. Mas devo admitir. Em todas as casas havia uma reprodução desse quadro. Um presente da prefeitura no dia da inauguração das casas e das entregas das chaves.

— Senhor delegado, há evidências nessa vida que não são necessariamente científicas. E a data das orelhas decepadas coincide com o autoflagelo de Van Gogh. E mais. Onde está o corpo de Mariano da Fonseca Telles de Castro? Acredito que o senhor terá problemas, doutor...

— Professor, vamos fazer um trato. Eu, na condição de policial, não posso abrir uma linha de investigação sobrenatural. O meu trabalho exige provas científicas. Tenho que encontrar um culpado ou mais de um para que a Justiça o condene. Essa cidade é pequena, mas vive do turismo ecológico. Uma notícia fantasmagórica como essa — por mais que o senhor possa ter uma lógica ilógica — significará na falência econômica daqui.

— E o que o senhor sugere, delegado? — perguntou o professor, meio desconfiado da artimanha do policial respeitado.

— Sugiro que o senhor conte a sua história como numa obra de ficção, um romance, um conto... Baseada em 'fatos reais'... Em troca disso eu 'engaveto' a investigação e arquivo como "caso não solucionado". Assim, isso me livra do vexame, e registra e divulga a sua descoberta. Muitos acreditarão nela. Mas será literatura. E não um inquérito policial. Combinado?

— Sua proposta é razoável — concluiu o professor. — Sim, aceito. Sigilo absoluto. E sugiro que peça ao prefeito que faça a demolição daquelas casas. No lugar, instale uma galeria de arte. E coloque o quadro pintado por Mariano da Fonseca Telles de Castro em posição de destaque. Caso encerrado, doutor?

— Caso encerrado, professor.

Jornalista, professor, poeta, e ativista cultural, Ricardo França de Gusmão, 56 anos, é detentor de vários prêmios literários. Conquistou três prêmios de reportagens de Direitos Humanos, dois internacionais (Sociedade Interamericana de Imprensa-SIP e Mercosul), e um de dimensão nacional, na condição de repórter especial e professor orientador universitário. Trabalhou na imprensa escrita, TVs, assessorias de imprensa, internet e Academia. Publicou 31 livros de poesia, contos e crônicas.

Idealizador e organizador dos festivais de Poesia e Artes PoÊterÊ (Teresópolis-RJ) e PoÊtisÁ (Nova Friburgo-RJ). Um dos fundadores da Sociedade Carnavalesca Embaixadores da Folia da Cidade Maravilhosa. Criador da Escola de Xadrez Defensores do Rei (Filantrópica e Inclusiva). CEO do site literário e ambiental SUMAÚMA – ÁRVORE DA VIDA

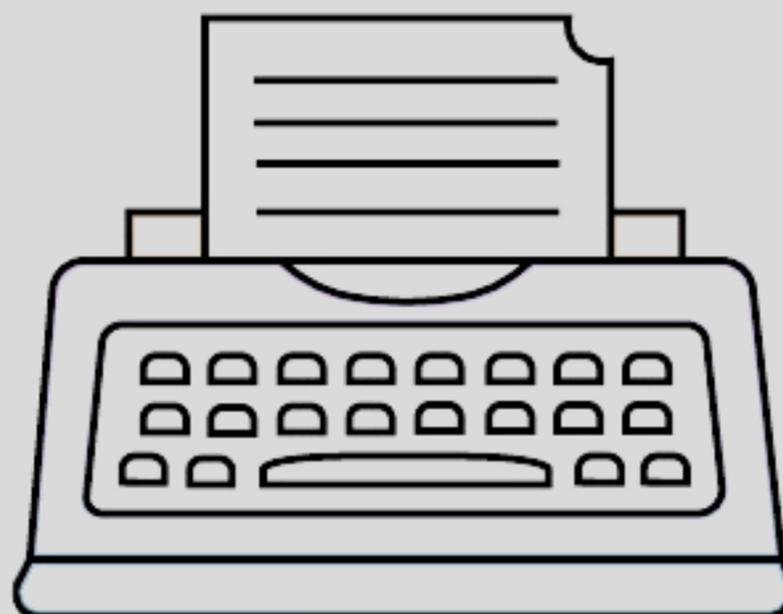
Site: [www.https://www.ricardofrancagusmao.com/](https://www.ricardofrancagusmao.com/) (meio ambiente e literatura)

Amazon: [Ricardo França Gusmão](#)

Instagram: [ricardofranca1968](#)

Facebook: [ricardofranca1968](#)

Twitter: [FrancaGusmao](#)



A Boneca e sua Menina

Por Carol Soares

Isto é uma história de amor.

Alguns podem dizer o contrário, mas não preste atenção neles, preste atenção em mim, como minha Júlia fez.

Amor não tinha sido gentil comigo até esse ponto, eu tive algumas donas antes da minha Júlia, meninas que pareciam doces no começo, que escovavam meu cabelo e admiravam a beleza da porcelana que formava meu corpo e a delicadeza das minhas roupas e chapéu. Mas que no fim se provaram ser o contrário e acabaram por partir o meu coração. E me colocaram em uma posição que me forçou a partir os corações delas também.

Para a minha Júlia me encontrar foi uma descoberta, mas para mim foi um resgate. Uma velha intrometida tinha arranjado uma maneira de me prender, de me deixar na escuridão com nada além das minhas memórias como companhia. Eu não tinha certeza de quanto tempo tinha passado, só o suficiente para saber que a velha intrometida estava morta e seus feitiços malignos há muito tempo esquecidos. Minha menina abriu a caixa quebrando o selo do lado de fora, e daquele momento em diante eu era dela. E apenas dela para sempre.

Ela me pegou nos seus braços, e como se eu fosse um bebê ela me mostrou a casa que eu já conhecia, me contava como ela e a mãe tinham acabado de se mudar para lá para ficarem mais perto da avó que estava doente. Ela me chamou Olivia, esse não era o nome que eu tinha antes, mas eu não me importei. Um novo nome parecia algo que poderia ser bom, significava um novo começo, uma nova vida e eu definitivamente precisava de uma dessas. Ela me levou para o quarto dela, me serviu água fingindo que era chá em uma pequena xícara. Penteou meu cabelo desembaraçando os fios com uma gentileza que tão raramente tinha sido me mostrada. Tirando a poeira, ela

me disse que nunca tinha visto uma boneca de porcelana com olhos e cabelos castanhos como os dela, que elas quase sempre eram loiras e de olhos claros. E Júlia pegou um dos vestidos de uma outra boneca e colocou em mim dizendo que como eu era a mais bonita das bonecas eu merecia o vestido mais bonito.

Das outras vezes eu tinha sido mais cautelosa, esperado um pouco mais, mas algo me fez confiar nela já naquele primeiro dia, então gentilmente eu fiz os meus pensamentos irem na direção dela, deixando saber que havia alguém lá, alguém ouvindo. Ela poderia ter gritado, como outros já tinham feito no passado, mas ao invés disso ela sorriu.

Teria sido um momento perfeito se a mãe dela não tivesse entrado naquele instante e dito:

“Onde você achou esse troço?”

O *troço* que ela se referia sendo bem obviamente eu. Você pode me culpar por não simpatizar com a mulher?

“No sótão.”

“Você não deveria ter ido lá sozinha, eu ainda não tive tempo de limpar lá, poderia ter ratos.”

“Eu não vi nenhum rato.”

E devia ter terminado assim, mas ela continuou falando e falando e falando, e cada palavra fazia minha menina se sentir pior e aquela mulher horrível não parecia se importar. E mesmo após ela partir minha Júlia continuou se sentindo triste.

Naquela noite ela me colocou na cama de cabeceira dela antes de adormecer, e eu a observei até que despertasse novamente. Por uma semana meus dias foram um céu na terra, com ela passando cada hora desperta e dormindo comigo, ela me levava para a mesa de jantar e para assistir filmes na frente da televisão na sala, nós brincávamos e as vezes eu deixava meus pensamentos irem até ela, e eu contava a ela coisas do meu passado, as

crueldades e indignidades que essa vida me fez sofrer, e eu contava para ela o quão grata eu me sentia por ela, por aquela primavera da minha alma após um inverno tão longo.

Mas a época de aulas começou e a mãe de Júlia não permitiu que ela me levasse para a escola. Nosso tempo de distância era de algumas horas, mas eu me desacostumei a ficar sozinha. E já nas primeiras semanas ficou claro que a vida era tão chata nas horas em que ela estava na escola e a casa tão vazia e tão diferente do que era do meu período antes de ser presa na caixa.

A mãe de Júlia também estava fora naquele horário então eu comecei a explorar, era difícil se mover, levava muita concentração, eu tinha que usar demais de quem eu era antes desse corpo de porcelana, antes de outra velha intrometida, a primeira, me colocar aqui, mas eu fiz. Às vezes eu ia nos outros quartos, mas na maioria das vezes eu ia para as janelas para ver minha menina chegando, e ela me via e vinha correndo me encontrar não importando em qual janela eu estava. Foi tolo de mim, porque eu deveria ter percebido que se minha menina notou minhas pequenas caminhadas pela casa também sua mãe notaria também.

Um dia ela chegou antes da Júlia e me encontrou em uma das janelas, ela me levou até o latão de lixo da esquina e sem qualquer cerimônia me jogou fora. Eu tentei mover a tampa para voltar para era pesada demais, se mover em geral já é tão difícil. E minha menina estava longe demais para meus pensamentos alcançarem o dela e pedir para que ela viesse me resgatar. Mas ela veio de qualquer maneira, como um anjo, como a heroína de coração puro de um conto de fadas pronta para salvar sua donzela em perigo, e ela me escondeu na sua mochila e me disse que eu tinha que ficar lá para que a mãe dela não me jogasse no lixo novamente. Na escola ela me tirava da mochila e mostrava para suas amigas, algumas delas pareciam belas, outras inteligentes, outras gentis, mas nenhuma tanto quanto a minha menina. E talvez nós poderíamos ter continuado assim para sempre, mas mais uma velha intrometida apareceu.

Eu não sei como essas mulheres horríveis continuam me encontrando, elas são a praga da minha existência, elas são aquelas que me prendem em pedaços de pano e em caixas para apodrecer enquanto o tempo continua passando e passando.

Eu estava na mochila, escondida e esperando pelas horas em que eu poderia novamente estar junto com a minha menina. Quando eu ouvi uma voz que eu não conhecia. Inicialmente longe demais para eu conseguir ter certeza do que estava sendo dito, mas logo esta se aproximou.

“Está mais perto agora, tem algo muito muito muito errado aqui.” disse a voz que até então eu nunca tinha ouvido.

E em volta havia sons de portas e gavetas sendo abertas e vasculhadas, eu não estava com tanto medo assim até eu ouvir o som alarmante do zíper da mochila sendo aberto.

A mãe de Júlia gritou quando ela me viu, a velha intrometida ao seu lado olhou friamente para mim.

“Porque você gritou?” a velha disse.

E a mãe de Júlia seguiu a contar uma história horrível cheia de palavras como arrepios e possessão, fazendo os belos meses que eu passei na companhia da minha menina parecer algo saído de uma história de horror.

A velha disse para a mãe de Júlia não se preocupar, que ela ia se livrar de mim. E aí minha menina que estava ouvindo tudo atrás da porta começou a chorar e protestar que não era justo, que eu era a amiga dela. Mesmo na esquina eu podia ouvir minha menina ainda chorando enquanto a velha me levava embora.

Nós chegamos na casa da velha, ela me levou até o quintal, derramou álcool em mim, acendeu um fósforo e aí tacou fogo. As chamas me fizeram lembrar de coisas antigas, coisas perdidas, coisas que eu desesperadamente

não queria lembrar. Mas com este também veio o conhecimento de como das cinzas renascer.

Eu esperei muito tempo até eu começar a me refazer. Eu poderia ter refeito meu corpo de muitas maneiras, mas eu escolhi a mesma forma em que eu estivera antes, afinal foi com aquela aparência que minha Júlia me conheceu e me amou.

E aí eu me movi, bem mais facilmente do que antes, com um corpo que verdadeiramente era meu agora. Uma parte minha quis ir direto para a minha menina, mas eu não o fiz, afinal não foi apenas por ela que eu voltei, mas também pela velha. Eu sempre volto, especialmente quando eu tenho algo pra que voltar. Seja amor ou o seu oposto. E tal crueldade não poderia ser ignorada.

Foi muito mais fácil do que eu achei que seria. Eu não precisei fazer nada além de aparecer na porta da cozinha, e deixar meus pensamentos invadirem o corpo da velha para fazer seu coração parar. Não é minha culpa ela ter sido a dona de um coração tão fraco.

A velha foi encontrada por um de seus vizinhos pela manhã dura e fria no chão, e eles me encontraram também ao lado dela.

Vieram homens tirar o corpo dela de lá logo. E pouco antes do anoitecer a mãe de Júlia veio, ela me pegou pelo braço e me levou para a rua, para fazer novamente o que ela tinha feito antes, me jogar no lixo.

Mas dessa vez eu não deixei. Eu mandei meus pensamentos para ela, não gentilmente como uma carícia como eu fazia com minha Júlia, mas como uma faca, para que só a minha voz pudesse ser ouvida na sua mente.

E a partir daí ela finalmente entendeu qual seria o preço de ser alguém que se mete em coisas que não são da sua conta.

Agora minha menina me coloca na mesa de cabeceira, beija minha testa e me deseja boa noite.

A mãe de Júlia observa nosso pequeno ritual da porta, é claro que ela ainda me odeia, mas ela aprendeu nesse ponto que ela não deveria se colocar no caminho de amor verdadeiro.

As luzes se apagam e eu olho para a minha menina até o dia clarear e ela despertar.

Isto é um final feliz.

Não deixe ninguém te dizer o contrário.

Carol Soares é autora do livro de contos O Monstruoso Feminino e teve contos publicados na antologia Conto Brasil e em outras edições da revista Hospício Literário, ela tem trinta anos e mora em Teresópolis no topo de uma montanha cercada por livros e gatos.

Linktree: <https://linktr.ee/carol93soares>



Relato

Por Natália Schimpf

Na última quinta-feira eu estava indo de trem de Mauá até Jundiaí, é uma longa viagem de mais de 2 horas. O trem chegou e eu me sentei na janela. Ao meu lado sentou um senhor que parecia ter em torno de 65 anos. Sua barba era grisalha e tinha rugas no rosto. Ele estava bem-vestido com um terno e sapatos chiques. E no banco de trás, sentaram duas mulheres. Eu não as via, porque estávamos de costas uns pros outros, mas eu as ouvia.

No transporte público, geralmente fico na minha, olhando pela janela, vendo as coisas passarem rapidamente e me deixo levar pelos pensamentos aleatórios. Nesse dia, no entanto, uns 15 minutos depois, eu me peguei prestando atenção na conversa das tais mulheres. No meio da conversa consegui identificar os nomes de cada uma. Alana e Leonora.

Alana não parava de falar, e agora estava falando sobre uma receita caseira para acabar com coceiras que ela aprendeu com a avó, uma loção alcoólica com guiné e bálsamo.

– *Alana, isso não serve não. Eu já tentei de tudo. Mas o médico disse que é coceira de fundo emocional.*

– *Mas Dona Leonora, já faz 11 anos que aconteceu tudo.*

– *Alana, pode fazer até 100 anos. Uma mãe que perde um filho, nunca se cura.*

Alana ficou calada por alguns minutos depois dessa resposta. Talvez por embaraço. Como eu não as via, me vi tentando imaginar qual era a expressão no rosto de Alana. E foi assim que me percebi dentro do diálogo das duas.

O breve silêncio foi quebrado pela própria Leonora.

– *Alana, você é muito jovem ainda. Nem filho teve. Mas um dia você pode entender esse tipo de sentimento.* – Leonora suspira fundo e se cala novamente.

– *Dona Leonora, me desculpa. Eu não queria ser rude.* - Alana diz essa última frase muito baixo, quase inaudível.

– *Alana, você não foi rude. Eu criei um filho por 17 anos e tudo que eu tenho agora é um pedaço de papel, uma certidão de óbito amarelada na gaveta. Só estou te falando que não é bálsamo que vai curar a minha dor.*

– *Mas a senhora vai conseguir fazer justiça! O doutor Fernandez disse que é só esperar pelo...*

– *Se a justiça fosse feita, poderia amenizar?* – Indagou Leonora, interrompendo Alana.

Alana voltou a ficar quieta. E eu comecei a ficar angustiado, porque quero saber o que houve. Quero saber o que o tal doutor Fernandez disse que eles têm que esperar por. E fico torcendo para elas não descerem do trem tão cedo.

– *Dona Leonora...*

Alana me parece bem hesitante no que quer falar, mas alguns segundos depois, ela fala:

– *...eu era muito nova, já ouvi de um tudo sobre o caso, mas nunca ouvi a senhora falando sobre isso. Como foi tudo isso pra senhora?*

Bingo! Era exatamente isso que queria saber.

– *Alana, aquele foi o pior dia da minha vida.*

As duas ficam em silêncio por alguns segundos. Começo a pensar que o assunto acabou por aí e me sinto inquieto sentado nesse banco de trem. Mas Alana parece estar com a mesma comichão que eu.

– *Dona Leonora.*

– *Eu vou te contar. Só estava aqui, perdida nas lembranças...*

“O Pedro Augusto saiu de casa de manhã, para ir pra escola. E eu só saia de casa pra ir pro trabalho quando ele chegava pro almoço. Mas ele não chegou naquele dia. E eu estava ficando brava, porque ia me atrasar pro serviço. E ele sabia o quanto eu odiava chegar atrasada e levar bronca de patrão. Resolvi que não ia esperar e ele que desse um jeito de achar lugar pra ficar até eu voltar. Ele não tinha celular pra eu ligar, eu estava juntando um dinheiro para comprar um pra ele, no aniversário de 18 anos.

“Eu saí e fui trabalhar. Mas sai com uma dor no peito. Com uma sensação ruim. Achei que fosse pelo nervoso do atraso. Mas a sensação ruim ficou o dia todo. E eu só descobri às 18:45 daquele dia que aquele sentimento não era do nervoso, era do famoso sexto sentido de mãe. Nessa hora eu recebi a ligação da polícia que nenhuma mãe quer receber.

“O policial que me ligou era muito grosso, e estava com zero paciência. Então ele foi soltando de qualquer jeito: ‘Senhora, o seu filho está morto. É preciso que a senhora venha até o IML do Centro’. Assim, foi assim mesmo, eu me lembro de cada palavra. E eu não consegui responder. Desmaiei e o celular caiu no chão.

“A minha patroa ouviu o barulho e foi ver o que tinha acontecido. Me viu caída no chão, com o celular do lado que mostrava na tela que ainda estava em ligação. Ela falou com o policial e me acudiu. Foi ela que me ajudou a ir até o IML, delegacia, e todo aquele percurso de dor.

“Quando cheguei no IML, eu nem precisei ver o rosto do menino que estava debaixo do lençol. Eu já sabia que era ele e por isso não queria ver. Mas eu fui obrigada a fazer o reconhecimento oficial. Meu menino estava com parte do rosto queimado, mas era o meu menino, o meu filho. Eu não dormi essa noite. Sempre que fechava os olhos, eu via aquele rosto chamuscado. Parecia que sentia o cheiro até. Eu não dormi muitas noites.

“O corpo dele foi achado num campinho abandonado. Ele foi apedrejado até a morte e teve uma parte do corpo queimada. Acho que tentaram botar fogo em tudo, pra esconder o corpo e queimar as evidências. Na época, foi falado que ele

tentou roubar uma loja e depois fugiu da polícia. Eu achava isso sem qualquer cabimento. A gente não tinha dinheiro, mas sempre fomos honestos. Pedro Augusto não era bandido.

“Aquilo acabou comigo. Eu não saía mais de casa. Eu não comia mais. E não conseguia nem chorar direito, acredita? Eu só conseguia chorar no banho. Então eu passei a tomar muitos banhos por dia, pra conseguir chorar. No começo eram três banhos, depois cinco banhos. Chegou um dia que eu tomei vinte banhos, menina. Vinte!

“Então eu recebi uma carta que dizia por que e como ele morreu, assinado por Bento. E foi aí que eu fui atrás de justiça. Eu tentei de tudo, mas ninguém queria se envolver, e nem os jornais e nem a TV. Porque o assassino era um cara importante da cidade, um vereador cheio de amigos poderosos.”

Eu já estava totalmente tomado pela história quando a Alana dá um grito.

– *Dona Leonora! Temos que descer nessa estação!*

Estação do Jaraguá. O trem está lotado. Eu não consigo correr atrás delas. Elas descem e as portas se fecham. Eu desabo de volta no meu banco. E o senhor bem-vestido, de barba grisalha e rugas no rosto ainda está ao meu lado, mas eu mal dou atenção ao olhar que ele me lança. Eu pego o celular e jogo os nomes no Google. Não tem muita coisa mesmo relacionada aos nomes que elas falaram. Dona Leonora disse que ninguém queria se envolver com a história, afinal. Mas tem um blog, assinado por um tal de Xavier Miranda. Abro sedento por mais informação, que elas levaram embora quando saíram do trem:

“No dia 14/06/2011, Pedro Augusto foi assassinado a mando do vereador Leonardo Júnior. Leonardo sempre foi um homem duro, um ditador dentro de casa. E sempre monitorou a vida do filho Bento e da esposa Laura. Mexendo no celular do filho, achou algumas fotos dele com um rapaz. Leonardo partiu pra cima do Bento querendo saber o que era aquilo. Bento acabou falando que

conheceu Pedro Augusto em um barzinho na Augusta. Bento cometeu o erro de confessar ao pai homofóbico que ele e Pedro Augusto estavam em um relacionamento. Leonardo não suportaria ter um filho gay. Bento apanhou ainda mais e ficou de castigo sem acesso ao mundo.

Leonardo saiu de casa com seus capangas no dia seguinte cedo. E foram atrás de Pedro Augusto. Descobriram onde ele estudava e foram na entrada da escola. Escola pública, sem segurança, foi fácil pegar o rapaz e colocar dentro do carro e sumir. Espancaram ele em um campinho abandonado no Jardim Bandeirantes. Ele foi apedrejado até a morte e tentaram atear fogo em tudo, para queimar as evidências. Mas o fogo apagou assim que os assassinos saíram. Um morador da região achou o corpo e acionou a polícia. Quando Bento soube o que aconteceu, escreveu uma carta para dona Leonora, mãe de Pedro Augusto, contando tudo. Ele tinha medo do pai, mas sabia que precisava fazer justiça.”

O relato do Xavier Miranda continua e ao lado tem uma foto de uma mulher com um cartaz: “Eu quero justiça pelo meu filho” e uma foto do seu filho, Pedro Augusto.

O senhor bem-vestido, de barba grisalha e rugas no rosto sentado ao meu lado também está olhando para o meu celular e quando vê a foto ele exclama:

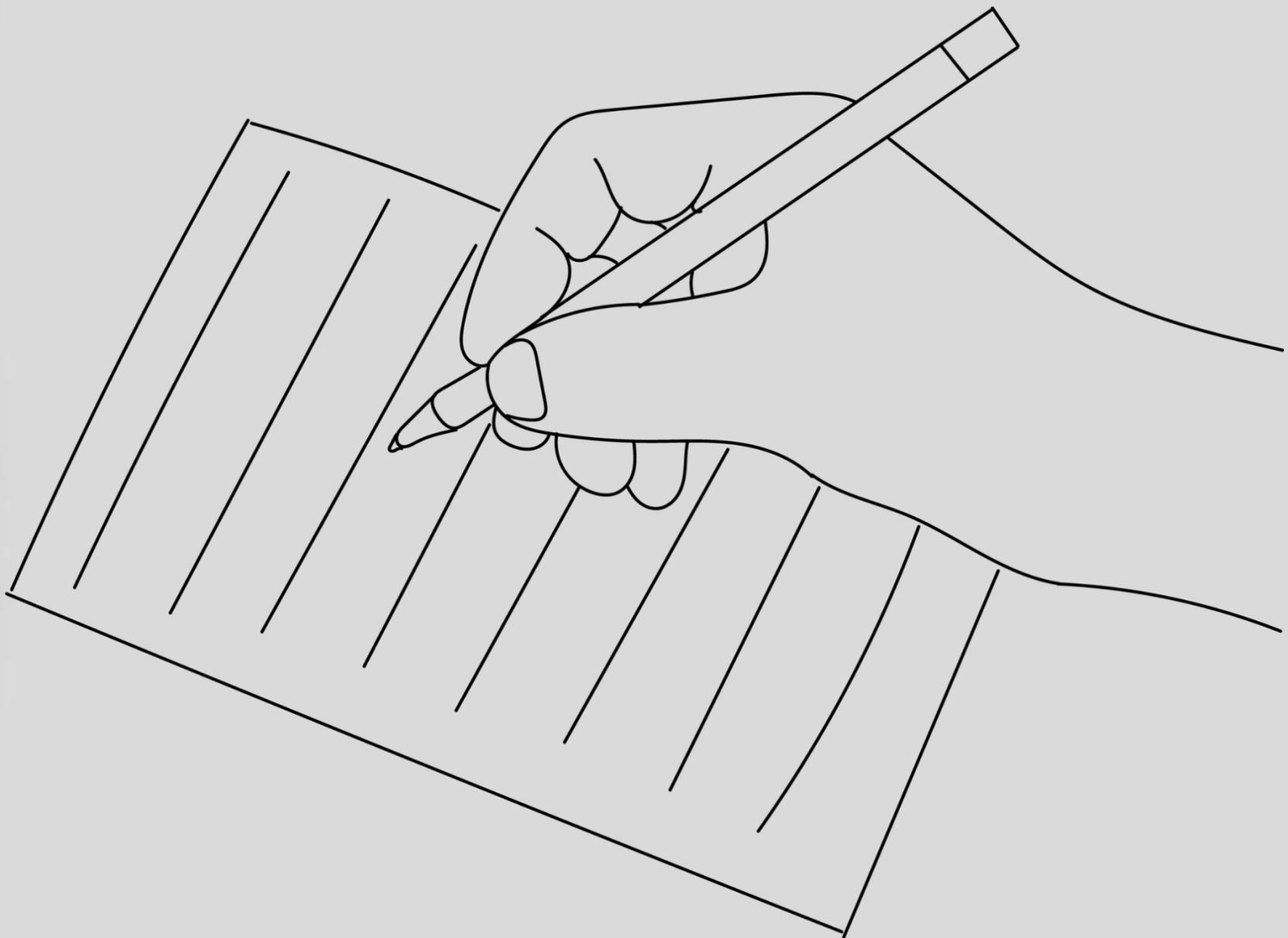
– Nossa! Eu tinha imaginado ele... diferente.

Eu apenas olho para o senhor sentado ao meu lado. Eu abro a boca para falar, mas nada sai, eu estou perplexo com a perplexidade dele. Eu abaixo o olhar para o celular novamente, olho sem enxergar. Volto o olhar para o senhor grisalho bem-vestido e meu único pensamento no momento é que o Brasil é racista em sua essência, um racismo estrutural muito enraizado. Me levanto e desço na estação errada, apenas para sair daquele vagão, daquela atmosfera. Me sento no banco à espera do próximo trem, da próxima história.

Natália é paulista, apaixonada por gatos, café e plantas. Formada em Comunicação Social em 2017, trabalhou produzindo vídeos e deixou por muito tempo os livros lá na área do passatempo. Tinha receios e vergonha de entrar nesse mundo. Besteira, né? Ainda bem que ela venceu seus medos. Já publicou alguns contos, poesias, crônicas e até livros infantis. E assim ela começou a caminhada de uma nova fase, e hoje ela é escritora!

Linktree: https://linktr.ee/natalia_schimpf_autora

Instagram: [natalia_schimpf_autora](https://www.instagram.com/natalia_schimpf_autora)



Índigo

Por Lisandro Silva

Um relógio de ponteiro com vidro quebrado marcava meia-noite. Dois irmãos se encontravam em uma loja de conveniência, aguardando pelo melhor momento para sair e procurar outro abrigo.

– Dudinha... – chamou Rafael, enquanto observava a porta. – Você está pronta?

– Espera! – gritou Eduarda do fundo da loja, onde a luz já não funcionava.
– Estou procurando mais comida.

– Eu já peguei tudo! Vem logo.

Não demorou muito para Rafael escutar os passos apressados de sua irmã mais nova. Um trovão retumbou por toda a extensão do céu e uma tempestade se iniciou em seguida. Ainda era o princípio do temporal e todos os sinais indicavam que seria forte o bastante para varrer dezenas de putros da região.

– Acha que estamos prontos? – indagou a criança, enquanto puxava um guarda-chuva de sua mochila. Com um movimento brusco, seu irmão a interrompeu.

– Sem guarda-chuva, ok? Temos que nos misturar aos putros.

Assim eram chamadas as criaturas grotescas que surgiram após a falha de 2022: putros. Eram bem semelhantes a zumbis, suas peles refletiam a tonalidade arroxeadas de seus órgãos apodrecidos e desfilavam como cadáveres semiconscientes. Seus dentes estragados não eram fortes o bastante para rasgar a carne humana, eles sequer precisavam. O simples contato com qualquer molécula de um infectado era o suficiente para matar em menos de doze horas. Exceto por esse grande inconveniente, aquelas coisas não ofereciam tantos riscos. Não eram fortes, ágeis, ou espertos, talvez por isso não se alimentassem. Contaminar e matar guiavam suas existências.

– Rafa, eu tô com medo.

A pequena Eduarda estendeu seus braços na direção de Rafael.

– Vai ficar tudo bem, pequena. – Rafael a ergueu e manteve-a segura em seu colo enquanto carregava sua mochila nas costas e a dela em seu outro braço. – Vamos lá?

A criança apenas assentiu com a cabeça.

Foi assim que, sob a luz da Lua, debaixo de uma tempestade tão desconcertante quanto qualquer outra chuva de verão, Rafael e Eduarda saíram em busca de um novo abrigo, encolhiam-se ao som dos trovões e do brilho dos relâmpagos, protegidos apenas por humildes capas de chuva.

[...]

– Rafa, olha para lá. – disse Duda, apontando para o horizonte. Não muito longe, um prédio se encontrava com as luzes acesas.

Ali, após horas de caminhada tempestade adentro, uma frágil esperança surgiu. Bastava que chegassem ao prédio antes da chuva cessar, assim não seriam percebidos pelos putros. Rafael não disse nada, apenas seguiu o caminho, mas agora em direção àquele prédio abandonado, mas que ainda carregava consigo a esperança da vida humana. Mas foi naquele momento que a chuva começou a diminuir, fazendo com que apressassem seu caminhar ainda mais. O que antes se assemelhava a uma tempestade, agora não passava de uma garoa um pouco mais forte, que ainda fazia jus ao apelido da cidade. E logo a chuva foi gradativamente diminuindo, até que em menos de uma hora, tudo que restava era a penumbra da madrugada aliada aos fortes ventos do verão, com a luz da Lua sendo a única guia que aquele par de jovens tinha para chegar ao seu objetivo.

De súbito, Rafael começou a escutar grunhidos vindo de seus arredores, aliados ao som de passos arrastados e corpos pesados caindo ao chão. “Putros...”, pensou. Aquilo tornava a situação bem mais perigosa. Então, de forma sutil e sem perder o ritmo de caminhada, Rafael colocou a única máscara de pano que tinha, sobre o rosto de sua irmã. Começou então a andar

cada vez mais rápido, até que começou a basicamente correr freneticamente dos infectados que o perseguiam. Desesperado com a hipótese de Duda ser infectada, Rafael teve que fazer uma escolha.

Entregou então a mochila de rodinhas de Duda a ela e soltou-a no chão, escondendo-a em um pequeno beco que aparentava ser mais seguro:

— Fica bem aqui, Duda. — Ele sussurrou, enquanto deixava sua mochila com ela. — Eu vou matar eles. Mas por favor, a partir de agora, não chegue mais perto de mim ou de nada que eu tocar, está bem? Quando eu passar por aqui de novo, me segue de longe, até a gente chegar naquele prédio. — Rafa então apontou para o prédio iluminado a cerca dois quilômetros.

A pequena Duda apenas assentiu com a cabeça, carregando em seus olhos as lágrimas mais honestas que uma criança poderia ter. Rafael deu então um beijo na testa de sua irmã, pegou o pé-de-cabra de sua mochila, e saiu daquele beco, deixando sua irmã sozinha.

O que se seguiu a partir dali foi um verdadeiro massacre. Enquanto hordas de putros surgiam, vindo de todos os cantos da cidade, Rafael os matava de forma sanguinária, usando seu pé-de-cabra com o prazer imensurável de matar as coisas que tinham feito da sua vida um inferno por todas essas semanas. Mas os matava apenas por prazer, ou sequer por sua sobrevivência. Era por sua irmã. Ele só queria que ela vivesse, o restante era apenas um detalhe.

“Por ela. Faça isso por ela.” Ele repetia em sua mente, enquanto combatia aqueles infectados enlouquecidamente. “Ela tem que viver. Mate por ela. Morra por ela.”

Em menos de duas horas, já não havia mais nenhum infectado vivo em toda a cidade. Mas em compensação, Rafael estava esgotado. Quando percebeu a calma que havia tomado conta do lugar, ele apenas andou cuidadosamente entre os corpos das dezenas de infectados mortos, passou em frente ao beco onde sua irmã se encontrava, e fez um sinal para que ela o seguisse.

Após aquilo, ocorreram os piores quarenta minutos de caminhada da vida de Duda. Ela viu com clareza, mesmo que marcado apenas pelo raiar ínfimo da

luz do Sol no horizonte, seu irmão caminhando arrastado até o prédio. A sua frente, ele tossia sangue, parava para vomitar, caía de joelhos ao chão. Ele já estava condenado. E assim se seguiu, até que chegaram diante do prédio:

— OLÁ! — Gritou Rafa, com as poucas forças que tinha, assim que chegou à rua da construção. — TEM ALGUÉM AÍ? SÓ QUERO DEIXAR MINHA IRMÃ COM VOCÊS. ELA NÃO ESTÁ INFECTADA, EU JURO! — O silêncio se fez presente, até que ele o interrompeu. — EU VOU EMBORA, SÓ... POR FAVOR... DEIXEM-NA FICAR.

Após alguns minutos, uma jovem apareceu. Usava de uma máscara cirúrgica, colete a prova-de-balas e todos os outros tipos de proteção para ferimentos e infecções:

— Ei, você. — A garota então apontou para Rafael. — Está infectado?

Rafa não respondeu, mas seu silêncio foi o bastante.

— E a menina? Está infectada? — Ela apontou para Duda, que se encontrava a uns dez metros de distância de Rafael

— Não... nenhum putro chegou perto dela. Só... por favor... — Rafa disse, enquanto soluçava de tanto chorar. — Deixa ela ficar. Eu vou embora morrer em um lugar mais afastado, eu não vou infectar ninguém..., mas cuida dela... por favor.

A jovem não respondeu, apenas passou por Rafael, da forma mais afastada que pode, foi até Duda e pegou-a no colo. Ainda sem dizer nada, ela a levou para dentro daquele velho edifício comercial. E a última visão que Duda teve de seu irmão adotivo, foi ele se arrastando pela rua, até sumir de vista.

Lisandro Silva sempre foi interessado pelo ramo literário, com vício em café e entusiasmo para experimentar projetos novos. Já teve interesse em abrir livrarias, editoras, criar seus próprios concursos, mas com o tempo, este jovem escritor percebeu que o que ele mais queria era poder escrever contos sobre

as coisas que mais lhe interessam, e assim ajudar no fortalecimento da literatura nacional.

Instagram: [lsvro_oficial](#)

Wattpad: [The_Lisvro](#)



Um vislumbre de eternidade (Ira)

Por Ílio Desnos

Que despropósito maior era aquele para o qual eu servia? Que Deus me cobrava para que eu sentisse tanto pelo que sequer conheço?

Eu, medicado, andava distraído pelas ruas da Floriano Peixoto, vazio de tudo, cheio apenas de silêncio ingênuo, quando duas risadas atravessaram meus ouvidos. Era um casal. A moça ria enquanto o rapaz imitava algo. Ela se jogava aos braços dele. Estavam felizes. É fácil reconhecer a felicidade do outro: ela parece brilhar mais do que a nossa própria. Mas não, não! É normal ver casais. No entanto, mais adiante, quase que na esquina da avenida, outro casal. Eles se entreolhavam como se:

- Serei para sempre teu. – Ele dizia.
- Será para sempre nós. – Ela respondia.

Um beijo para concretizar. Não o bastante, outro casal em seguida. E então outro. Quero dizer: por que Deus não parava de me mostrar o que eu havia acabado de perder? Não tenho ânsia pela inconveniência, nem mesmo penso que seja inveja. Ainda assim, tudo o que eu via era dual, mão e palma, e eu, não. Era sozinho. Aos trinta, entendi o que significava a ruptura em minha linha do coração. Quando adolescente, uma quiromante me disse, mas eu era tão jovem para acreditar!

Ela se foi sem que eu soubesse. Quando acordei, já a havia perdido e sequer tive chance, sequer houve possibilidade de inversão, ela já... Roubo seguido de morte. Ela voltava para casa, era tarde, estava escuro. Golpeada por trás. Não se sabe quem foi. A única testemunha guarda para si o segredo indiscreto da realidade. A crueldade dos humanos não sustenta a bondade dos astros. A lua não me diz simplesmente por não dizer. Ela estava lá quando tudo aconteceu. Ela assistiu. Ela iluminou a lâmina que levou quem amo de

mim. Significando algo ou não, jamais irei perdoá-la. É preciso de súditos para que Deus seja Deus.

Agora eu quem ergueria o peso para Sísifo. Mas sobre qual alegação? Eu não traí ninguém, não roubei, não enganei ninguém! Outro dia me deram o troco errado e eu devolvi de bom-grado! Outro dia brincaram com minha cara me fazendo uma pergunta louca e eu a respondi com sanidade, então riram por eu ter levado a sério, mas o fiz de bom-grado! Outro dia, depois do crime, ligaram para mim...

Socorro, meu amor! Socorro! Eles me pegaram enquanto eu... Eles estão pedindo dinheiro, mas...

Era a voz de uma mulher. Estavam se passando por Cecília. E eu ouvia com tamanha atenção, com uma dor tão acentuada e forte que, por um momento, quis acreditar que fosse meu amor mesmo. Porque eu queria mais do que tudo ouvi-la.

“Você não acredita no que aconteceu no meu trabalho hoje!”

“Oi, Pitoco! Trouxe rosquinhas para você!”

“Vai abrir um novo mercado na principal, vamos lá?”

. Então eu, ouvindo os pedidos de socorro, respondi, aos prantos:

— Por favor. — Solucei. — Por favor, eu já estou indo!

E escutei algumas pancadas no fundo da ligação.

— Não a machuque, por favor! Ela está sozinha! Meu amor, eu já, eu já...

Desligaram.

Não sei o que me ocorreu senão amor. Por um momento, consegui voltar no tempo e pensar que poderia impedir o acontecido. Eu me senti minimamente capaz de algo para além de amar. É que o amor em si não salva ninguém: os efeitos do amor, sim. Sentir amor e se prender é inútil. Sentir amor e receber um trote é inútil. Brincaram com a minha ferida mais profunda e

aberta e insanável. Eles riram de mim quando desligaram a ligação. E eu só pensei em Cecília.

Deus permitiu que isso acontecesse. Ele assistiu, como a lua, o golpe covarde de quem é seco de esperança. E além de me tirá-la, agora me fazia lembrar, como se eu pudesse sequer cogitar esquecê-la, que ela não está mais. Eu andava pela calçada e, entre minha perspectiva manchada de lágrimas, via a silhueta de Cecília. A voz dela ecoava em mim e eu a refratava. Os namorados, os pássaros, as árvores entrelaçando galho com galho, as nuvens e o sol, as casas coladas, duas janelas, as motos, dois pneus, e eu... eu só.

Confundi a risada da moça de um dos casais com a de Cecília. Parei de súbito e olhei em sua direção. Como poderia confundir as risadas de uma estranha com a de alguém que tanto amo? Na verdade, eu não confundi. A saudade recria o fruto caído do pé. O amor desenha o rabisco outrora apagado, mas acontecido.

Depois de uns segundos, resolvi acreditar no que já sabia: não era Cecília. Não éramos nós os casais, os pássaros, os galhos entrelaçados, nem a nuvem e sol, nem as casas vizinhas, nem suas janelas, nem os pneus das motos, nada, ninguém, ninguém! A silhueta que vi era, na verdade, minha imaginação contra mim: jamais poderia ser Cecília novamente. E por quê? E quem? E o que será que ela pensou nos últimos segundos? Acontece que eu vou apontar para onde? Que defesas tenho eu contra uma história que já havia sido traçada por um Deus antes que eu me soubesse eu? Que eu poderia fazer contra um destino incerto para mim, mas certo de si mesmo? Que Cecília poderia ter feito contra sua própria sina?

O que me surge é mais do que raiva. Repito: inveja não é nada comparada ao que sinto. Meu olhar para com as coisas será sempre o de Lúcifer, em O Anjo Caído. Tiraram meu paraíso de mim e eu os tirei seu perdão. Eu não posso, Cecília, me desculpe. Não consigo ou quero ser como você agora. Sua

ternura excede minha força. Tenho vontade densa de apontar o dedo. Tenho vontade verdadeira de ser mal agradecido a quem agrada. Sei que é feio, mas confesso, não é que eu torça para, mas caso aconteça, que se desvinculem esses casais todos! Uma amarração ao contrário: nome escrito de trás para frente. Não há amor mais para mim. Não quero que haja mais amor para o outro. Desvelo minha *granditude* assim. Não sou falso. Tenho pleno rancor do que me foi tirado às cegas e dado ao outro cientemente.

Cecília se envergonharia. Mas por que não se envergonham de terem feito o que fizeram com ela? Levaram cinquenta reais. Meu amor valia cinquenta reais. Eu desejo a fome eterna aos infelizes que o fizeram. Mas não qualquer fome, fome de vitalidade, de tudo o que nos ergue. Deposito, pelo pensamento, uma gota de veneno em suas veias que me surge invariavelmente. Gostaria de vê-los apodrecer em minha frente como solo tocado pela seca. Gostaria de dançar ouvindo os gritos de pavor e arrependimento de cada um dos desgraçados.

A ira me surge assim, vingadora. Não sou confiável, tal qual serpente que abocanha a própria calda. Corro o que sobrou de mim por dentro como um roer de unhas por fora. O casal percebeu estar sendo fitado por um estranho de cara feia e saiu.

E se eles fossem atropelados?

Continuo andando. Pés descompassados. Coração paralisado. Onde estão as batidas? Em minha mente, algo martela. Quando o cérebro começa a palpitar ao invés do coração, é aí que percebemos a grandiosidade da situação. A raiva me consome e em um segundo me ultrapassa. Eu corro.

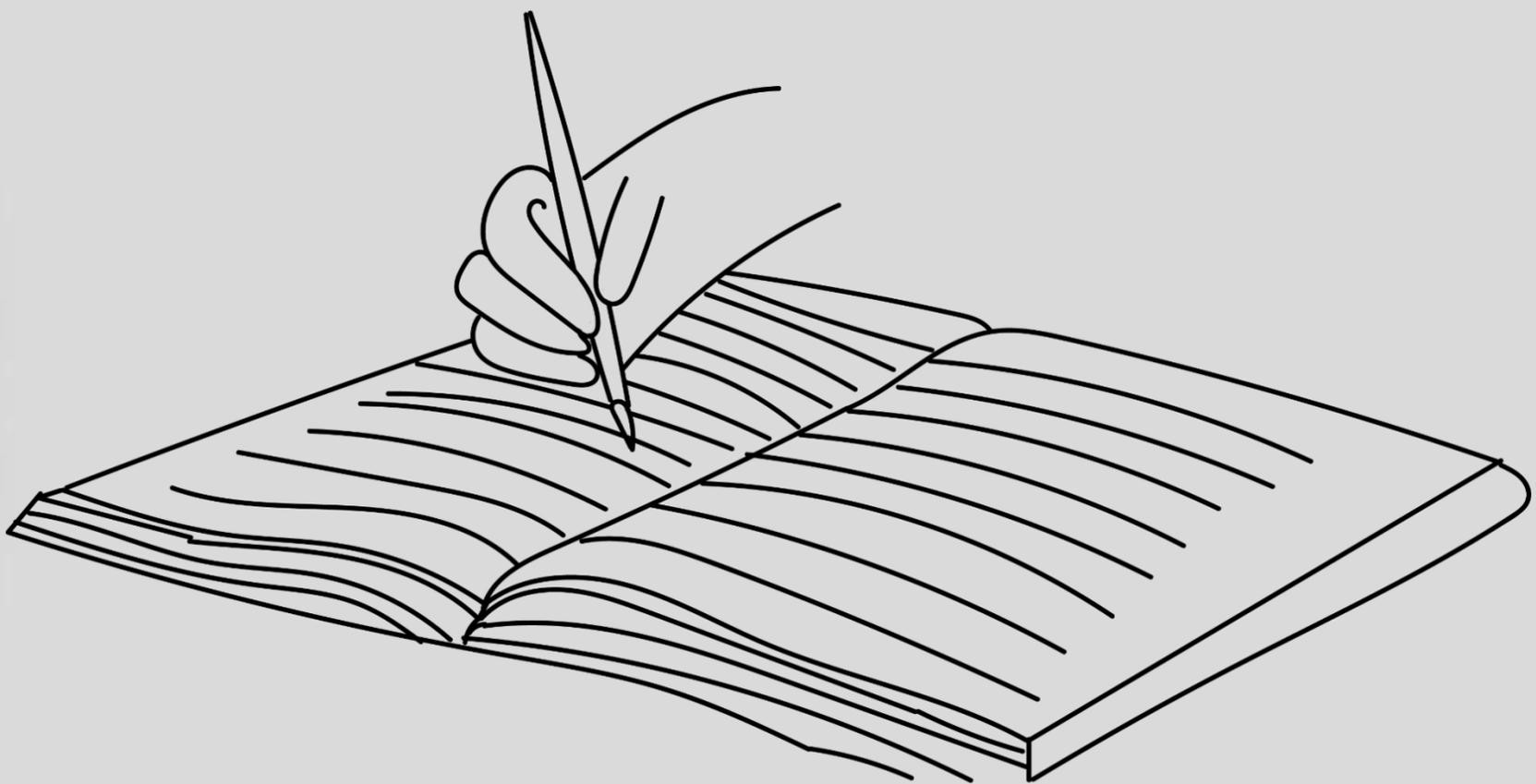
— Seus infelizes! — Grito para o casal. — Vocês pagarão pelo o que fizeram!

Eu estava cego. Mal corri dois metros na rua e um apagão. Um alcance: Cecília erguia a mão em minha direção. Eu, tão incalculavelmente seguro, tão indescritivelmente confortável, tão inexoravelmente em paz, segurei firme sua mão e me levantei. O lugar era claro. Tinha cor delicada. Era um campo. Cecília

Ílio começou a escrever mais seriamente quando tinha 17 anos, muito por influência de sua antiga professora de português, mas mais pela escrita ser sua incontestável sina. Sempre escreveu por si mesmo, escondendo as folhas escritas logo em seguida. Hoje em dia, ele é graduando em letras português e francês pela UFCG, tem um livro publicado intitulado “Eu, Panapaná”, tem participações em revistas como Letras Raras e atua em programas de pesquisa, ensino e extensão como o PET-Letras, na universidade.

Instagram: [_ilio.t](#)

Email: ilio.theusz@gmail.com



Gerais

Por Thays Diniz

O assoalho de madeira puída rangeu sob a pressão do solado da bota, fazendo a poeira subir em espiral iluminada pelos raios solares. Homens melhores sentiram-se apreensivos por perturbar o descanso dos santos padres que jaziam abaixo dos seus pés, ao contrário de Thomas, que há muito tempo não sentia nada. O cântico dos fiéis acompanhou seus passos até o altar, Thomas permitiu-se cair de joelhos em frente ao Padre itinerante que pouco conhecia das suas angústias e pecados, ou de qualquer um presente na pequena Paróquia. Sentiu os dedos molhados do pároco desenharem a cruz na sua testa, as pequenas gotas de água benta deslizaram pela superfície da foice estendida em seus braços. A voz do representante do nosso senhor ecoou pelo ambiente chamando atenção até mesmo do pequenino mais desatento:

– Há muitos anos uma mulher desse vilarejo, marcada pelo pecado, deu à luz a sete filhas, sendo a última destinada a servir o anjo caído. Hoje, quando o ano morre para o recomeço do ciclo, a filha pestilenta a casa torna a fim de reduzir às cinzas o rebanho do Nosso Senhor.

Thomas estremeceu; se pelas palavras proferidas ou toque do velho padre em seu ombro não saberia dizer.

– São nesses momentos que a nossa fé é testada, o mal ronda os nossos corações em busca de morada, manifestando-se de forma vil, seduzindo-nos para o caminho do pecado. Nesse momento de grande aflição para nossa comunidade, Deus escolheu o seu campeão para trazer a paz.

Thomas levantou-se recebendo as bênçãos com ouvidos surdos, sendo seguido pelo seu pequeno exército formado de homens dos campos, sob olhar atento de crianças desnutridas e mulheres chorosas.

O pôr do sol tingia o cerrado de vermelho sangue, em uma promessa silenciosa dos pesadelos que a noite traria. Thomas tomou seu lugar na barricada formada de sacos de areia e arame farpado, dando um último aceno aos seus companheiros de infortúnio, assumindo seu lugar na vigília.

As horas passaram lentas alimentando a imaginação dos homens, o silêncio mórbido cortado pelo pio da ave agourenta. As nuvens encobriram o céu, extinguindo a fonte de luz, o prenúncio da tempestade que jamais viria.

O som rouco da velha espingarda de José anunciou o fim da espera, a foice de Thomas caiu com perfeita precisão sobre a víbora flamejante que ousou ameaçá-lo com o bote. Thomas girou e levantou a arma a tempo de partir ao meio o demônio alado que pairava sobre a sua cabeça. As criaturas emergiram da escuridão com caninos afiados e batendo os cascos no chão rachado pela seca.

Thomas segurou a sua arma com dedos gélidos, cortando carne, crânio e chifres em um arco perfeito, deixando para trás olhos vidrados e o corpo ensanguentado. Thomas virou-se a tempo de encarar o seu próximo adversário, lama e sangue foram levantados com galopar furioso da criatura, Thomas girou arma em suas mãos abaixando-se a tempo de cortar o ventre do demônio que se assemelhava a um equino esquálido, intestinos e suco estomacal rolaram pelo solo com humanoide que montava a besta. O ser disforme mostrou os dentes ameaçadoramente antes de pular sobre Thomas, que deixou a sua foice cair sobre ele abrindo-lhe a jugular do monstro enquanto ainda se encontrava no ar, carne pútrida rolou sob os seus pés. O grito agudo do homem ao seu lado, o anúncio que não tivera a mesma sorte, Moisés foi eviscerado. Um passo silencioso para trás após outro, a barricada estava perdida, os homens estavam cercados por dentes e garras.

Thomas avistou naquele momento fugaz, as delicadas asas amarelas que deslizavam pelo ar entre monstros alados, o pequeno inseto pousou no solo indiferente ao massacre dos seus companheiros, dando lugar a mulher de cabelos de fogo e rosto esculpido em mármore. O coração de Thomas

disparou, o sangue voltou a pulsar em suas veias, o ar a preencher os seus pulmões, perdeu-se por alguns instantes na inebriante sensação de sentir-se vivo. O grito raivoso de Pedro o tirou de sua contemplação silenciosa:

– Bruxa.

Olhos verdes calorosos desviaram de Thomas voltando-se para o seu companheiro subjugado por uma orla de demônios, a mulher o rodeou como um predador, avaliando-o com interesse renovado. Garras ergueram o queixo de Pedro deixando um rastro de sangue, o homem vacilou em sua postura desafiadora e gaguejou uma única palavra:

– Por quê?

– O único caminho viável para a vida é a evolução, o progresso é necessário.

A bruxa respondeu com uma voz melodiosa, levando o agricultor as lágrimas. Pedro destinou um último olhar a Igreja que abrigava as mulheres e crianças, antes de sussurrar:

– Meus filhos?!

– Eles renascerão dando início a um novo ciclo.

Pedro caiu sob os joelhos em desgraça quando a atenção dela o deixou para voltar-se para a casa do Nosso Senhor; com um resquício de esperança observou Thomas colocar-se em seu caminho, espantou-se quando o homem se transformou milagrosamente exibindo as asas tão escuras quanto a noite que o assombrava. Os demônios recuaram entre uivos, a mulher sorriu ternamente.

– Quanto tempo, meu querido? Duas décadas?

A bruxa tocou delicadamente o rosto do anjo e falou em um tom amoroso:

– O seu pai o criou para trabalharmos juntos, você sabe.

Thomas recuou ao toque como um amante rejeitado, cuspiu as palavras irritado:

– Somos opostos.

– Somos complementares.

- Não irei permitir que os alcance.
- É a sua verdadeira face que eles temem.

Thomas se viu arrebatado por ela, envolto pelo calor do seu corpo, inebriado pelo seu perfume, o momento partiu-se em mil pedaços quando ela usou dos seus artifícios para fazê-lo encarar o rosto aterrorizado de Pedro. Suas pupilas estavam tão dilatadas que Thomas poderia ver o seu reflexo ali, o reflexo do anjo da morte. O homem desviou o olhar rapidamente e agarrou-se a barra do vestido dela em um clamor silencioso por piedade.

– Essas pobres criaturas se apegam a mim até o seu último suspiro - disse enquanto dedicava a Pedro uma fração quase invisível de sua atenção -. Como não poderiam? Até mesmo aqueles que clamam pela sua presença em seus momentos finais agarram-se à vida com toda a sua vitalidade.

“Como não poderiam?” A pergunta ecoou na mente de Thomas enquanto ele próprio se apegava a ela apaixonadamente. Pedro caiu sob seus pés, ofegante, o sangue manchando os dedos que inutilmente tentavam estancar a ferida na barriga, o último suspiro escapando pelos lábios flácidos antes que pudesse ceifar a sua vida, a lembrança do seu dever perpétuo.

Thomas repetiu essa mesma cena mil e uma vezes, ainda assim, se via novamente em uma dança macabra com a chama da vida que os homens inocentemente nomearam como bruxa, o destino é inexorável. Entretanto, quando a sua foice caiu sobre ela, havia lágrimas em seus olhos e as palavras escaparam sem sua permissão:

- Eu te amo.

Ela sorriu para ele calorosamente, luz flamejante em seus olhos confirmando a reciprocidade dos sentimentos, ele a segurou com mais força em seus braços, ela se desfez em milhares de borboletas-amarelas, a realidade é que jamais poderiam pertencer um ao outro.

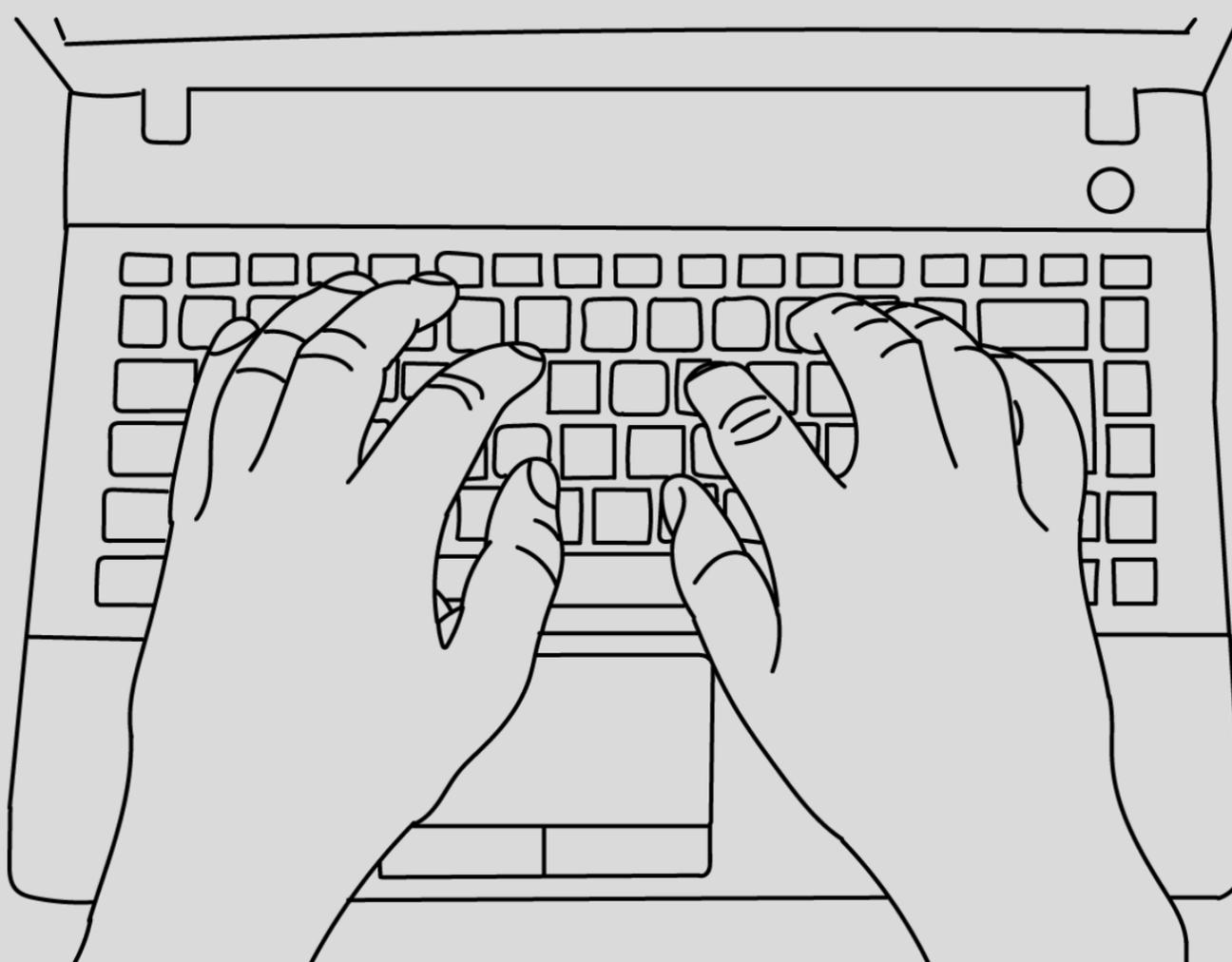
Thomas ergueu-se em toda sua glória, os primeiros raios solares invadiram o pequeno vilarejo transformando criaturas e corpos em cinza e pó, o anúncio do dever cumprido, mesmo que o vazio preenchesse a sua alma.

[...]

No ano do nosso senhor de 1857, tendo Thomas como testemunha, o progresso alastrou-se como ela previu que ocorreria, erguendo a Cidade de Montes Claros das ruínas da Vila de Montes Claros de Formigas, após o misterioso desaparecimento da maioria dos seus habitantes.

Thays Diniz, natural de Minas Gerais, é uma escritora amadora que dedica esforço ao seu hobby. Seu talento e dedicação foram reconhecidos ao conquistar a medalha de prata no concurso de escrita "Mitologia Grega" no renomado site Inkspired, com o conto "O mal do século XXI". Também é uma atenciosa ouvinte de causos e apreciadora de boas prosas. Seu lar são ficções voltadas à tragédia e ao dramático.

Inkspired: [riadalap](http://riadalap.com)



Uma herança de ouro

Por Biana Vendramini

Intrigas, balbúrdia, discussão, escândalos, e se duvidar, pelejas acaloradas. Estes eram no mínimo alguns dos prováveis desfechos de reuniões da família Norington. No velório de Carlos, o marido da agora viúva Maria Justina, que havia partido deste mundo devido a um osso de galinha entalado na garganta durante o último jantar, obviamente não seria diferente. O assunto principal das inúmeras bocas fofoqueiras presentes era a farta disputada pelos herdeiros. A chegada do advogado era tão aguardada quanto o velório em si, talvez até mais importante, pois ele anunciaria o tão esperado testamento, o qual o defunto sempre fizera questão de ocultar, deixando ordens claras para o conteúdo ser revelado somente após sua morte.

Embora Maria estivesse remoendo-se de ansiedade para tomar posse dos bens do falecido marido, o advogado chegou na hora marcada. Sem perda de tempo, ele rumou junto à viúva para uma sala reservada ao lado do salão onde ocorria a cerimônia do velório e, enquanto ela sentava-se em uma poltrona, preparando-se para o tão aguardado momento, o homem retirou o documento de sua maleta.

— Darei início a declamação do testamento — avisou, aguardando a anuência da mulher, que assim o fez após inspirar profundamente. — Eu, Carlos Augustus Norington, declaro estar em perfeito juízo e em pleno gozo de minhas faculdades mentais, livre de qualquer sugestão, induzimento ou coação, deliberei fazer este meu testamento particular...

— Pelos diabos, pule esta parte e vá logo ao ponto que — interrompeu Maria já impaciente, apurando-se no assento.

O advogado pigarreou e prosseguiu:

– Pois bem... Deixo meus bens em sua totalidade à única mulher que amei nesta vida... – Neste Naquele momento a viúva passou a desconfiar que havia algo de errado, pois o marido sempre a tratara com frieza e indiferença. – Alice do Carmo.

Ao ouvir tal nome, ela entendeu o que se passava e caiu em devaneios, ainda desacreditada com o resultado nada esperado. Passou a resmungar consigo mesma, proferindo frases um tanto desconexas, enquanto meneava a cabeça em negativa, com a mão sobre a testa. E, após alguns longos segundos de um silêncio perplexo, pronunciou-se em frustração:

– Aquele crápula maldito! Eu devia ter suspeitado que seria capaz de tal traição com minha pessoa por aquela sirigaita desfrutável da modista... – praguejou ela entredentes com a cólera a transbordar através de seu semblante. – Sempre desconfiei da frequência com a qual ele precisava ir até a loja dela com desculpas de necessitar comprar-me novos vestidos.

O advogado deixou o recinto em meio as inúmeras blasfêmias proferidas pelos lábios da mulher. Após considerável tempo a viúva levantou-se subitamente e rumou a passos apressados e pesados de volta ao salão. Ao ser avistada com seu olhar transtornado, logo o burburinho da boataria entre os presentes deu início, porém Maria, orgulhosa como sempre fora, ignorou a todos e seguiu em direção a seu objetivo. Afastou os filhos que prestavam suas preces ao falecido aproximando-se do esquife de madeira envernizada e permaneceu a encarar o ex-marido com uma carranca de azedume.

Maldito defunto... Todos os longos anos torturantes que tive de lhe suportar, ousa apunhalar-me pelas costas e ainda debochar de mim e de meus filhos após a morte?! – vociferou ela mentalmente prestes a perder as estribeiras. – Isto não ficará assim, pois saiba que não me deixará no completo prejuízo.

Após remoer em seu íntimo o rancor e desprezo por aquele homem inerte à sua frente, em um rompante inesperado abriu com truculência a boca do cadáver provocando uma comoção assombrosa entre todos, e arrancou-lhe a

dentadura de ouro com alguns diamantes cravejados que fazia questão em ter para exibir o tamanho de sua excentricidade. A força aplicada no puxão a fez ir de encontro ao chão, trazendo o esquife consigo, por pouco não o espatifando, porém o defunto acabou rolando para fora de seu leito de descanso.

Maria recusou a ajuda de Antônio, seu primogênito, para levantar-se e aprumou-se como se nada tivesse ocorrido. Limpou a saia do vestido com as mãos e encarou os demais com ar de superioridade, tratando de retirar-se dali com seu típico ar pomposo. Caminhou calmamente, seguida logo atrás pelos filhos ainda espantados e fitando-a como se esperassem por algum tipo de explicação.

Já longe do escândalo causado, o filho mais velho não satisfez-se com o silêncio da mãe e logo questionou-a:

– Por Deus, o que foi aquilo?

– Apenas reivindiquei a nossa parte da herança... – respondeu a viúva, sucinta, com um sorriso imperceptível de deboche na extremidade dos lábios.

– Como pôde fazer isso com meu pai em seu leito de morte?

Ela cessou os passos abruptamente e voltou-se a ele com o sorriso intacto.

– Aquele homem não era seu pai de sangue e, ao que tudo indica, de alguma forma descobriu este fato, caso contrário você seria seu herdeiro e não uma rameira qualquer. Portanto, não desperdice suas lamentações. Felizmente garanti com o finado nossa estabilidade financeira, pelo menos até eu conseguir outro marido e dessa vez garantirei que seja um com maior patrimônio.

A agora viúva Norington já mirava seu anzol em um peixe bem maior e mais farto. Tomou conhecimento recentemente que um velho duque voltara à sua terra natal para comemorar o seu septuagésimo sexto aniversário e daria uma festa nas próximas semanas para a alta sociedade, a fim de celebrar a data. Os olhos de Maria brilharam em luxúria e um sorriso malicioso se formou

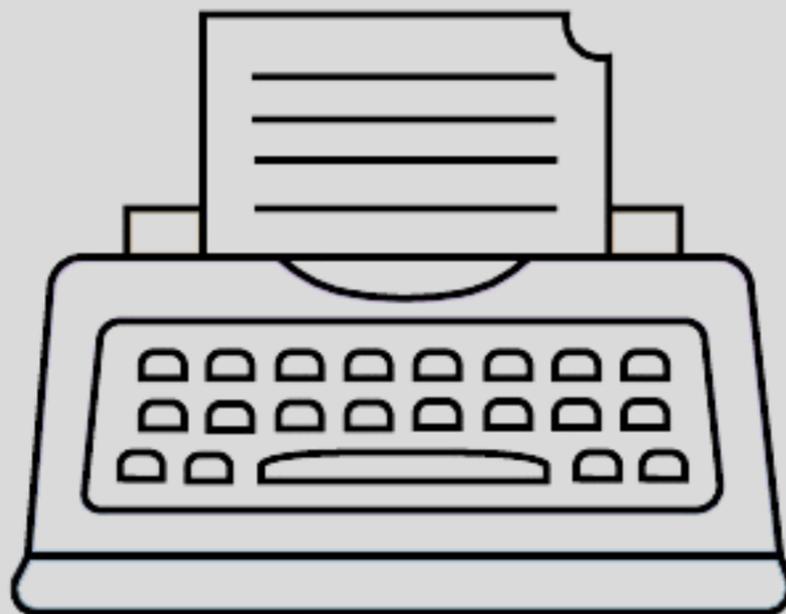
inconsciente em seus lábios finos ao se imaginar despojando o status na sociedade, as riquezas e boa vida do velhote, algo com o qual já estava acostumada, mas almejava ter cada vez mais. Quando ele misteriosamente batesse as botas, deixando-a todas suas propriedades e bens.

– Vejamos o que esse baiacu da alta sociedade tem a nos oferecer... – murmurou para si mesma, sem se importar se os filhos, que caminhavam, logo atrás ouviriam ou não.

Biana Vendramini é paulistana, amante da literatura e escritora contumaz desde 2015 dos gêneros fantasia, comédia, romance, drama, mas principalmente de terror e suspense que são seus favoritos. Possui contos publicados em revistas e antologias. Almeja instigar leitores, fazer a diferença na literatura brasileira e deixar seu legado na história através de suas palavras.

Instagram: [biana.vendramini](https://www.instagram.com/biana.vendramini)

Inkspired: [biana-v](https://www.inkspired.com/author/biana-v)



Coluna Social¹

Por Edson Amaro de Souza

“Deixai que os mortos sepultem os seus mortos”.

(S. Lucas IX: 60)

“O homem morto ainda é, de certo modo, homem social.”

(FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. 10ª edição. Rio de Janeiro e São Paulo: Record, 1998, pág. LIX)

Naquele dia, a página dos obituários estampava um anúncio como há muito não se via. Ocupava três quintos da página e anunciava o falecimento de um senador da República, descendente de senhores de engenho, irmão gêmeo do cardeal, acionista majoritário do maior banco privado do estado, empresário da indústria têxtil, cunhado do prefeito, pai de uma top model, enfim, um homem que, mais do que pertencer à nata da sociedade, sentia como se fosse ela que a ele pertencesse como a nata do leite de sua melhor vaca cujo nome só o ordenhador saberia, se tivesse se dado ao trabalho de nomeá-la. Decretou-se no estado luto oficial por três dias e o carro de bombeiros que levava o ataúde ao cemitério foi seguido por um verdadeiro cortejo de limusines que transportavam pela avenida principal não só os Três Poderes em peso, mas quase todos os colunáveis da região. Um exército de jornalistas tudo documentava.

Diante do grande mausoléu onde o corpo seria guardado até o final dos tempos ou da nossa civilização (o que viesse primeiro), as lentes da imprensa salivavam. Enfim, após nove longos anos de espera, aquelas portas se abririam para o gozo dos leitores das colunas sociais e glória dos artistas locais. Aquela enorme construção na área nobre do cemitério, com sua austera fachada toda em mármore, ornamentada com motivos vegetais em estuque (bem ao estilo

¹ Texto premiado pela Academia de Ciências e Letras de Conselheiro Lafayette e publicado em seu anuário de 2009 (vol. XV)

art-nouveau, como era moda na época do Segundo Império) e vitrais que só poderiam ser vistos em todo o seu esplendor do lado de dentro, despertava a curiosidade de quem passasse por aquelas aleias. Os fotógrafos veteranos ainda se lembravam do grande acontecimento que foi a abertura daquelas portas para os periódicos locais nove anos antes, quando do falecimento da esposa do agora sepultando: os velhos exemplares da revista, cuidadosamente guardados nos arquivos dos editores e disputadíssimos entre os amantes das artes, registravam em cores o brilho dos grandes vitrais: na parede leste, banhados pelo sol: à esquerda, o vaivém dos anjos na escada sonhada por Jacó; à direita, Lázaro saindo de seu túmulo ao ouvir o chamado do Nazareno; na parede Oeste, o pobre Cristo sendo deposto no túmulo do rico Arimateia, e um outro, com o Filho de Maria novamente vivo, mostrando suas feridas a S. Tomé, obras não muito anteriores à República, segundo especialistas. Na parede Norte, estrategicamente localizado para ser banhado ora pelas luzes coloridas dos vitrais que saúdam o sol nascente, ora pelas cores dos que se despedem dos dias passados que se acumulam sobre a memória dos mortos, um pesado altar de jacarandá do século XVIII, encimado por castiçais de prata, para lembrar a necessidade de algumas preces entre luxos e lágrimas, à direita do busto de mármore que cobre, no centro da parede, o jazigo do ministro do Segundo Império que ordenou a construção daquela suntuosidade. No teto, um afresco datado de 1928, retratando, como anjos prediletos da Virgem Santíssima, três membros da família mortos na mais tenra infância: uma menina morta em 1870 pelo sarampo; um menino picado por uma serpente, hóspede indesejada do latifúndio familiar, em 1900; um outro que se afogara no lago da fazenda em 1927, sobrinho-neto daquela vítima do sarampo. Tanto sucesso fez essa foto que uma gráfica pediu autorização para reproduzir aquelas figuras como se fossem românticos cupidos para ilustrar cartões para o dia dos namorados, no que concordaram os proprietários da obra, desde que se registrasse no verso ter sido a concessão cortesia da família, que cedia os seus direitos para uma instituição de caridade, limpando, assim, sua consciência da culpa da profanação e

assegurando aos consumidores os seus mais pios sentimentos. O que ainda não se vira, e era o motivo da apreensão daqueles profissionais, era o comentadíssimo e inédito mosaico que, sabia-se, o senador encomendara a um renomado artista da cidade, retratando sua defunta esposa no Céu, aprendendo música com Santa Cecília.

Terminados os discursos, qual não foi a surpresa de todos quando a *top model* em prantos, depois de posar para as lentes com a chave na fechadura, percebeu que ela não era necessária, que alguém soubera violar aquele templo da saudade serrando a tranca que fechava a porta dupla. O susto a fez esquecer a solenidade do momento e atirar-se bruscamente para dentro do santuário familiar.

Não se ouviu mais que o ruído ininterrupto das máquinas fotográficas quando as portas foram escancaradas e os *flashes* iluminaram a figura esfarrapada de um mendigo dormindo sobre a sepultura de um antigo prefeito, primo do sepultando. E, junto à parede do comentado e inédito mosaico, sobre o jazigo da virtuosa dama que esperava juntar-se ao consorte, coçava-se um vira-lata, companheiro único do indesejado inquilino. Espalhados pelo chão, alguidares de barro e garrafas de aguardente que deveriam ter contido oferendas e despachos feitos à noite no cemitério e pareciam ser o alimento principal daquele indigente.

Irritado pelos *flashes*, o cão pôs-se a latir e acabou por despertar o seu dono que, primeiro, abriu os olhos, logo agredidos pelas luzes dos *flashes* que nunca vira e do Sol que aprendera a evitar. Expulso do mundo dos sonhos, demorou a erguer-se e pareceu fazer um enorme esforço para compreender o que estava acontecendo. Lentamente pôs-se de pé e, visivelmente alcoolizado, precisou apoiar-se no altar de jacarandá para equilibrar-se.

Ao homem, cujo rosto mal se distinguia coberto por longos cabelos revoltos e pela barba vasta e hirsuta, não se podia atribuir outra idade que a da solidão sem data, nem outra linguagem que a da insociabilidade imemoriável. A sua pele coberta por uma crosta cinzenta de poeira assentada sobre a argamassa do suor e o sexo que emergia de suas calças rotas eram toda a sua biografia.

O vento que levava para dentro o perfume das coroas de flores era o único eufemismo na epístola de sua condição.

Os olhos negros do marginal fixaram-se na íris azulada da herdeira e, por alguns instantes, ambos tentaram entender como eram possíveis suas diversas existências. Cada um recuou para o seu lado um passo e o cortejo fúnebre avançou dois. Os lábios dela se abriram, o braço direito ergueu-se tentando apontar para fora; os dedos encardidos dele empunharam um castiçal. Quando a palavra por ela fosse dita, o arremesso por ele seria feito. Tranquilo, o morto esperava. Os carregadores estavam impacientes.

Ela notou que os braços da aparição eram finos como os do senador quando o câncer, paciente, o roía e, após cada noite de insônia no hospital, o olhar com que a recebia era o mesmo daquele zumbi. A solidão é irmã da morte.

Olhou para o intruso à sua frente: o rosto dele afirmava; olhou para o pai no esquife: o rosto dele negava; olhou para os carregadores: os seus rostos exigiam; imaginou seu próprio rosto: ela própria temia. E em meio a tanta gente, todos eles estavam sós, presos às suas fisionomias. A solidão nos une.

Pela boca batonizada saiu uma leve corrente de ar, prenúncio de um fonema construtivo, acredito que um / f /. Os lábios se conizando como uma flor ou um beijo não completaram o sopro, que deveria ser seguido por uma vogal: ó... A sílaba foi abortada porque que utilidade haveria em pronunciar aquele “fo”, que teria de ser seguido por um “ra”, igualmente inútil? Compor-se-ia a palavra e, se com palavras Deus criara o mundo em seis dias, as palavras ali ditas em nada mudariam aquele mal-estar-no-mundo. A solidão é o silêncio imperativo.

Atrás dela, um segurança de um deputado contraiu a impaciência dos carregadores (A solidão é ansiosa. A ansiedade contagia) e adiantou-se vinte passos em direção aos antagonistas, tomando o único partido que um homem acompanhado de sua gravata poderia tomar naquele momento: oferecer, *lancelótico*, sua força à rica órfã. Junto a ela se postou. Eram mais dois olhos interrogando o intruso. A solidão é interrogativa.

O segurança era muralha protetora, mas, diferente daquela de Tróia, não se posicionava em torno da protegida, tanto não podia o seu corpo, que não era extenso como o de uma jiboia, apenas desta tinha as cores: o negro-solenidade, combinando com os óculos escuros daquela tonalidade não-me-encare; o colarinho branco-oligarcófilo, os punhos branco-impunidade. A muralha de Tróia foi erguida por Possido, como sabem todos os que amam Homero. Aquela muralha de músculos ali fora postada por uma entidade que não ousa dizer seu nome, cujo poder emana do povo, em seu nome é exercido, mas dela o povo pouco sabe. A muralha de Tróia contentava-se em defender. As muralhas homens, jagunços da pós-modernidade, também ameaçam. As muralhas não falam. A solidão está sentada sobre elas e as acrescenta: ela é a muralha involuntária.

A sombra do homem-muralha projetou-se no chão e a mulher pôde ver, com a clarividência das Sibilas, que uma solidão aproximara-se da sua e somara-se a ela mais um peso a pressionar a solidão andrajosa a fitá-la. Seu braço estendeu-se e tocou a muralha. Fez fronteira, pois a muralha estava disposta a avançar. A solidão é ímpeto, avanço e recuo.

A solidão é o *arché*, o *Gênesis* indescritível. A solidão do útero prepara-nos para as solidões da vida, solidão adiada que procria. Aquele sujo sexo procriava? O sexo lembrou-lhe outro sexo, e outro, e outro, e outro, e outro, e outro, e outro e palavras de amor, e sensações de gozo, solidão ereta a invadir, sedenta, a solidão úmida, solidão ejaculante, solidão líquida, fecundante, solidão negada, companhia indesejada, companhia abortada, solidão culpada, solidão defendida, solidão necessária, solidão antimaterna, o sorriso debaixo do bigode derretendo a solidão, sorriso de dentes perfeitos, o intruso tinha dentes? Ou sorria pelo sexo? Teve nojo daquele sexo, tão sujo, parecido com aquele outro, tão limpo. Meu Deus, como eram parecidos! É a sujeira que distingue? Teve nojo dos homens. A solidão é promíscua e casta. E o *arché* que não se cumpre? O feto solitário na lixeira. A miséria é o maior dos abortos. Que vontade de vomitar-se! Na muralha amparou-se. A solidão fragiliza sem permitir eufemismos, apocalipse.

A plácida solidão do defunto insultava, sutil, as solidões dos vivos. A ansiedade é o sétimo sentido dos vivos, sentimento do tempo que nos consome enquanto o consumimos. O sangue nas veias não quer parar, corre por todo o corpo em busca da alma que busca, sufocada, outras almas. A solidão é vida e asfixia.

O segurança há muito decidira-se e esperava dela uma decisão. O tempo os empurrava na mesma velocidade da translação da Terra. Meu Deus, por que aquele esqueleto tinha de viver ali, entre os seus mortos? E quando ela morresse teria também de conviver com ele? Será que nem na morte se pode estar só? Que morrer é isso: estar só, cegada e sossegada. Mas como, se o mausoléu fora invadido por um morto que insistia em viver? A morte ali nunca mais seria a mesma.

A morte interroga a vida. Até então vivera só cegada. Agora a morte dava-lhe em vida os olhos que nega aos mortos e obrigava-a a ver.

Homem-solidão, noite ambulante, tristeza com barbas, lágrima sólida, cadáver que anda, vergonha da Pátria, órfão da Receita, idem da Bandeira, inverno humano, bípede angústia, desengano mudo, jornal sem papel, estômago nu, língua aposentada, nome indizível, saudade do sim, niilismo andante, fé posta em dúvida, Direito em xeque, Estado rachado, setembro sem sete, outubro sem doze, dezembro sem crédito, por que tu existes? Pergunta sem fala, tu sem eu nem nós.

O pária nada tem a declarar exceto no olhar a perplexão de invadido ver o ocupado vácuo que preencheria, solitário vivo-morto entre mortos revividos pelas ruas e praças batizadas com os nomes que tais ossadas foram. Vítima acuada da invasão, minoria esmagada pelo enorme peso dos olhos e das câmeras intrusas, à parede encosta-se e segue, braços erguidos, rumo à luz triste do Sol que denuncia sua miséria para os olhos cegos da cidade, mais só que o Nazareno coroado de espinhos, de inimigos e de fiéis, no alto do madeiro, circundado.

Todos, silenciosos, voltaram-se para ver, aliviados, aquele vulto desgracioso e desgraçado desaparecer na extrema curva do caminho extremo. Estavam salvas família, tradição e propriedade.

O esquife foi depositado no jazigo enfim aberto como o baú de um tesouro pirata numa ilha deserta. E o que era aquele edifício senão um outeiro a mais numa ilha de morte cercada de vida por todos os lados? Sendo que muitas vidas não podiam ser tão belas quanto aqueles depósitos de ossos. A dela própria, será que valeria mais que aquelas flores de estuque que adornavam a fachada, ou, quando para lá fosse recolhida, precisaria daquelas flores pétreas para adornar a sua memória esmaecente? Encostada a um anjo, dialogava com o silêncio.

Um a um foram saindo os colunáveis, junto com eles a maioria dos repórteres. Um fotógrafo ainda voltou-se e tirou uma fotografia sua, daquele jeito sentada, abraçando os joelhos, como já a tinham visto anunciando o *jeans* de uma famosa grife. A pose era a mesma, diversos só o cenário e a expressão de seu rosto, mas a pose ficou bem natural, essa e outras eram seu hábito. O fotógrafo foi se afastando, mas na porta demorou-se mais um pouco. Por certo, queria registrar uma lágrima. Ela já tinha perdido o hábito de chorar, mas, para não prendê-lo mais ali (devia ter mulher e filhos à sua espera), esforçou-se e fez rolar uma para agradá-lo. Ele a clicou, satisfeito, e se foi. Não era-lhe difícil agradar fotógrafos. Enfim, comprara sua privacidade. Finalmente, estava só.

Sentada num jazigo próximo ao do pai, um sem-número de flores aos seus pés, pôde enfim ouvir aquele estranho som da solidão: aquele som das distâncias: um carro que freia lá longe, muito longe, para além do portão do cemitério, o motorista xingando a mãe do pedestre descuidado que quase atropelara, depois um carro de som fazendo o anúncio de uma imobiliária e, perto, bem perto, o vento acariciando os *flamboyants* em flor que ornamentavam a alameda principal da necrópole. Os olhos fechados, procurou imaginar o ruído que cada uma daquelas pétalas faria ao chocar-se com os troncos das árvores, o mármore das sepulturas, as roupas dos coveiros que

abriam, lá longe – ela o vira momentos antes – uma cova na ala dos indigentes. Esses ruídos os insetos devem conhecer. Mas era o seu desejo ficar ali, longe daquele grande mundo dos humanos, colar o ouvido à terra até ouvir o marchar das tropas de formigas, prontas para atacar com igual fúria e apetite o indigente cuja cova se abria e a musa de um certo poeta que a cidade aplaudia. Talvez, ouvindo os insetos, pudesse descobrir os caminhos mais estreitos da geral existência, aqueles que todos um dia terão de trilhar.

Mas o caminho dela, no momento, era voltar para a limusine, chorar calada no banco de trás e deixar que o motorista a levasse de volta para a mansão, dizer às empregadas que não estava para ninguém, trancar-se em prantos no seu velho quarto de menina rica e deixar que elas agradecessem em seu nome todas as ligações de pêames. Mas não tinha vontade de regressar. Nem telefones, nem e-mails ou telegramas. A solidão é a melhor companhia para o luto. Mesmo quando se ama. A cabeça que chora reclinada no ombro de alguém é uma cabeça solitária porque a dor é indivisível. Isso seria seu quarto, mesmo se tivesse um ombro onde chorar: uma ilha cercada de telefonemas. E seu lugar não era mais entre telefonemas de condolências.

Os diamantes líquidos que cortavam a maquiagem de seu rosto caíam duros numa faixa de pêames, assinada por um partido aliado. Ela agora queria verdadeiros aliados. Assim saberia estar demarcado seu lugar entre os vivos. Pois o silêncio que, devagar, a acalmava, depressa a lembrava que não podia ficar entre os mortos. E ela teve dúvida se aqueles mortos ainda eram seus. Por isso, ao sair, não fechou a porta.

A chuva já caía copiosa quando ela chegou ao carro.

– Até que enfim, patroa. Eu já estava preocupado. Vai para casa?

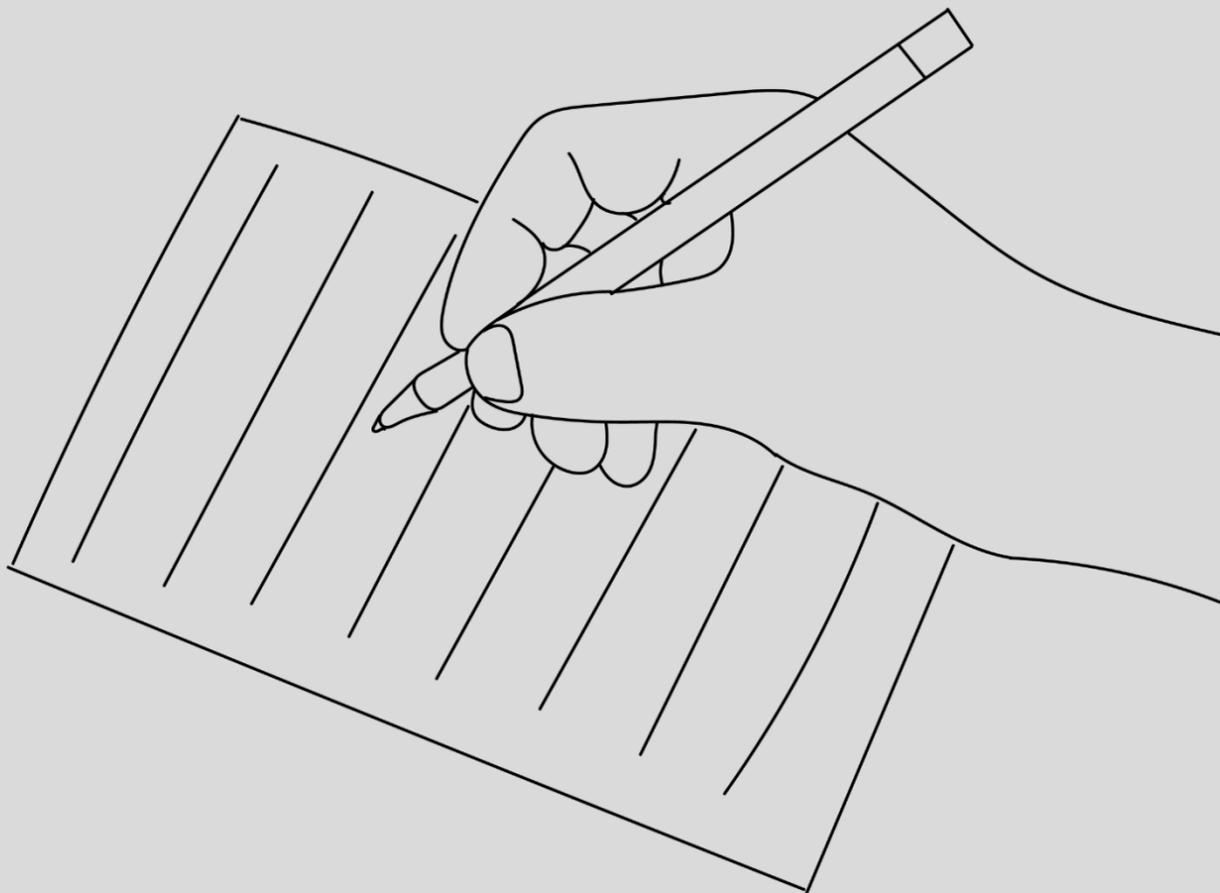
– Não, Jarbas. Para uma igreja. Preciso rezar. E você tome este dinheiro, compre uma vela grande, de mel, de vinte e um dias. Acenda-a perto do anjo que tem nas mãos o texto do profeta Oséias: “Onde está, ó morte, teu aguilhão?”² Mais tarde, ele sentirá o perfume, verá a luz e voltará.

– O senhor seu pai?

² Oseias XIII: 14.

– Ele também, Jarbas. E não feche a porta, para que não separe o homem o que Deus juntou.

Edson Amaro de Souza nasceu em Mossoró, RN, em 10 de dezembro de 1976. Desde 2005 é professor de Português na rede pública estadual de ensino do RJ. A 2ª edição do seu livro de poemas "Ouro Preto e outras viagens" já está em pré-venda no site da Ópera Editorial. Procura uma editora que queira publicar suas três traduções de Maquiavel: "Discursos Sobre A Primeira Década de Tito Lívio", "O Príncipe " e "A Arte da Guerra".





Enfim, chegamos ao desfecho desta edição. Agradecemos a todos os autores que contribuíram com seus talentos para tornar esta edição possível. Seus contos são um testemunho da diversidade e da riqueza da experiência humana, e estamos honrados por compartilhá-los com o mundo. Agradecemos também aos nossos leitores, cujo apoio nos inspira a continuar buscando e compartilhando histórias que divertem e alimentam a mente.

Se encontrou valor nas páginas que compartilhamos, considere dividir essa experiência com sua família, amigos e colegas, ajudando a expandir o alcance da revista e a incentivar o trabalho de nossos autores. Além disso, não deixe de nos acompanhar no Instagram, onde divulgaremos novidades e atualizações sobre o projeto.

Até a próxima leitura!

